



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
FACULDADE EDUCAÇÃO FÍSICA

VERÔNICA MOREIRA SOUTO FERREIRA

**MULHERES AO LONGO DO PROCESSO DE SURGIMENTO DO ESPORTE
MODERNO EM BELÉM DO PARÁ (décadas finais do século XIX aos anos de 1910)**

Belém - PA

2018

VERÔNICA MOREIRA SOUTO FERREIRA

**MULHERES AO LONGO DO PROCESSO DE SURGIMENTO DO ESPORTE
MODERNO EM BELÉM DO PARÁ (décadas finais do século XIX aos anos de 1910)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado para obtenção do grau de Licenciatura em Educação Física pelo Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Douglas da Cunha Dias

Belém - PA

2018

VERÔNICA MOREIRA SOUTO FERREIRA

**MULHERES AO LONGO DO PROCESSO DE SURGIMENTO DO ESPORTE
MODERNO EM BELÉM DO PARÁ (décadas finais do século XIX aos anos de 1910)**

Trabalho de conclusão de curso apresentado para obtenção do grau de Licenciatura em Educação Física pelo Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Douglas da Cunha Dias

Belém - PA, 13 de setembro de 2018.

Aprovado em ___/___/_____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Douglas da Cunha Dias
Orientador

Prof.^a Dr.^a Lucília da Silva Matos - UFPA
Membro

Prof. Dr. Welington da Costa Pinheiro
Membro

Belém - PA

2018

À mulher mais importante do meu mundo. Mamãe, sem seu amor e apoio imensuráveis essa jornada não seria possível.

AGRADECIMENTOS

Ser grata tem sido um exercício diário desde que entendi o quanto cada pequeno ato contribui na minha formação enquanto ser humano e na composição de minha trajetória, tanto pessoal quanto acadêmica. Eis que encontro um espaço, em meio a todo o caos da vida, para agradecer aqueles que me ajudaram durante esses anos de graduação.

Em primeiro lugar, sempre, agradeço a Deus e a minha mãe (e pai), dona Lúcia Moreira, que dedicou a mim um amor capaz de me colocar como prioridade constantemente, buscando fazer de mim uma pessoa preparada para enfrentar todos os obstáculos da vida. Sem todo o seu apoio e incentivo eu não teria chegado até aqui. Nada do que eu faça por você será suficiente para agradecer todo esse amor pronunciado em atos. Serei eternamente grata por ser sua filha.

Agradeço a todos os professores e todas as professoras que passaram pela minha vida escolar, certamente vocês contribuíram com minha chegada a UFPA. Em especial, agradeço a Tereza Souza, Gisele Andrade, Cléa Pureza, Márcio Muniz, Márcio Ferreira e Márcio Castro por terem sido as melhores professoras e professores que tive no Ensino Médio. Muito obrigada por tudo!

Agradeço também a Kleber Ventura, que chegou na minha vida em 2015 e por quem tenho muito amor e carinho. Baby, obrigada por todo apoio durante esse tempo, espero ter você ao meu lado por todos os anos vindouros.

A minha madrinha, Guiomar Vidal, e a minhas amigas Joyce Mereles, Laluma Vasconcelos e Eliete Mendes, obrigada pela companhia e proximidade. Os momentos em que estive com vocês ajudaram a me distanciar das preocupações cotidianas da faculdade algumas vezes.

Aos meus amigos da UFPA, que estiveram lutando batalhas individuais e que, mesmo ocupados com as suas, me ajudaram a derrotar os meus “bichos de sete cabeças”. Em especial, agradeço as minhas amigas Jade Rodrigues e Wanessa Fonseca, por todo companheirismo e apoio durante esses quatro anos. Espero ter vocês sempre na minha vida e obrigada por tudo. Thamires Alves, Giulyana Lima e Priscila Nascimento, vocês estarão sempre em meu coração, independente da distância imposta pelas trajetórias individuais. Amanda Pereira, começar uma amizade com você nesse processo de escrita de TCC me deu forças para concluir, obrigada pela companhia nas tardes de escrita.

Aos meus amigos do HÁPAX, Brenda Furtado e Adriano Ribeiro, ainda bem que nos encontramos fora de nossas turmas. Carrego com muito carinho todas as lembranças das viagens, manhãs, tarde e noites vividas com vocês e graças ao HÁPAX. Já sinto uma grande saudade de nossa rotina “hapaxiana”.

Por fim, agradeço a todos os docentes da Faculdade de Educação Física que estiveram nas salas de aula, ou fora delas, contribuindo para minha formação acadêmica. Um agradecimento especial a professora Mônica dos Anjos, por quem tenho um enorme carinho, a professora Lucília Matos, ao professor Douglas da Cunha Dias e ao professor Welington Pinheiro, que contribuíram para a escrita desse trabalho e me tranquilizaram nos momentos de desalento. Muito obrigada por tudo!

A todas e todos que estiveram comigo nessa jornada, me auxiliando direta ou indiretamente, saibam que sou imensamente grata.

“Qualquer frase que eu extraia inteira e intacta desse caldeirão será apenas um fio de seis peixinhos que se deixam apanhar enquanto milhões de outros saltam e cham fazendo o caldeirão borbulhar como prata em ebulição, e escorregam entre meus dedos”.

(Virginia Woolf)

RESUMO

O presente trabalho trata da participação feminina no processo de surgimento do esporte moderno em Belém do Pará (décadas finais do século XIX aos anos de 1910), tendo como problema de pesquisa a seguinte questão: Qual o papel das mulheres no processo de surgimento do esporte moderno em Belém do Pará nas décadas finais do século XIX aos anos de 1910? A pesquisa teve como objetivo geral analisar a participação das mulheres ao longo do surgimento do esporte moderno em Belém, nas décadas finais do século XIX aos anos de 1910, e os objetivos específicos foram: a) Compreender o tempo histórico das décadas finais do século XIX aos anos de 1910 no que diz respeito à inserção das mulheres no universo das sociabilidades em Belém do Pará; b) Analisar como se deu a origem das práticas esportivas femininas (décadas finais do século XIX aos anos de 1910) em Belém do Pará; c) Pontuar esportes praticados pelas mulheres em Belém do Pará (décadas finais do século XIX aos anos de 1910); d) Compreender o esporte como campo de sociabilidade para as mulheres belenenses nas décadas finais do século XIX aos anos de 1910. Caracterizada como estudo historiográfico de caráter documental, adotamos a História Cultural como norteadora de nossas análises. As fontes consultadas foram jornais do período evocado, pertencentes aos acervos da Hemeroteca Digital Brasileira e da Biblioteca Pública Arthur Vianna. Encontramos nos jornais pesquisados diversos indícios da progressiva participação das mulheres nas sociabilidades de uma Belém em processo de modernização. Dentre os diversos divertimentos e eventos sociais disponíveis naquele período, visualizamos a presença de mulheres em bailes, touradas, corridas de cavalos e competições esportivas, em especial *croquet*, patinação, tiro ao alvo, natação, ginástica, futebol, ciclismo e regatas, primeiramente no papel de espectadoras e, posteriormente, como praticantes das modalidades. Ao final da pesquisa, podemos afirmar que o processo de modernização da cidade de Belém e o surgimento de uma nova cultura urbana, seguindo os moldes europeus, possibilitou a ampliação do campo de sociabilidades femininas, com as práticas esportivas assumindo um lugar central em tal processo. Além disso, foi possível identificar também uma demarcação dos papéis e atribuições sociais, cabendo à mulher ocupar, a partir do olha masculino presente nas fontes e, grosso modo, nas mentalidades coevas, o papel da graciosidade, beleza e gentileza.

Palavras-chave: História do esporte. Mulher e esporte. Esporte em Belém do Pará. Belle époque amazônica.

ABSTRACT

The present work deals with the participation of women in the process of the emergence of modern sport in Belém do Pará (late nineteenth century to 1910 years), having as a research problem the following question: What is the role of women in the process of the emergence of sport modern in Belém do Pará in the final decades of the nineteenth century to the years 1910? The objective of the research was to analyze the participation of women throughout the emergence of modern sport in Belém, in the final decades of the nineteenth century to 1910, and the specific objectives were: a) To understand the historical time of the final decades of the nineteenth century to the years of 1910 with regard to the insertion of women in the universe of sociabilities in Belém do Pará; b) To analyze how the origin of the women's sports practices occurred (final decades of century XIX to years of 1910) in Belém of Pará; c) Punctuating sports practiced by women in Belém do Pará (late nineteenth century to 1910 years); d) Understanding sport as a field of sociability for Belenian women in the final decades of the nineteenth century to the years 1910. Characterized as a historiographic study of documentary character, we adopted Cultural History as the guiding force of our analyzes. The sources consulted were newspapers of the period evoked, belonging to the collections of the Brazilian Digital Library and the Arthur Vianna Public Library. We found in the newspapers researched several indications of the progressive participation of women in the sociabilities of a modernizing Bethlehem. Among the various amusements and social events available in that period, we visualized the presence of women in dances, bullfights, horse races and sports competitions, especially croquet, skating, shooting, swimming, gymnastics, soccer, cycling and regattas, role of spectators and, later, as practitioners of the modalities. At the end of the research, we can affirm that the process of modernization of the city of Belém and the emergence of a new urban culture, following the European molds, allowed the expansion of the field of feminine sociabilities, with sports practices taking center stage in this process. In addition, it was possible to identify a demarcation of roles and social attributions, and it is up to women to occupy the role of grace, beauty, and gentleness from the masculine gaze at the sources and, roughly, from the coeval mentalities.

Keywords: History of sport. Woman and sport. Sport in Belém do Pará. Belle époque amazônica.

SUMÁRIO

1	À GUISA DE INTRODUÇÃO	10
2	MUDANÇAS NAS CIDADES E A HISTÓRIA DAS MULHERES	17
2.1	Cidades e mudanças de sociabilidades: um olhar à Europa do entre séculos XIX e XX	20
2.2	Cidades e mudanças de sociabilidades: um olhar ao Brasil do entre séculos XIX e XX	25
2.3	Cidades e mudanças de sociabilidades: uma Belém do entre séculos XIX e XX	29
3	UMA NOVA CULTURA URBANA E A AMPLIAÇÃO DAS SOCIABILIDADES DAS MULHERES BELENENSES	34
3.1	“Elegante damas, formosas senhoritas”: mulheres e sociabilidades na Belém da <i>belle époque</i>	34
3.2	“Bellas guajarinas”: mulheres belenenses e a constituição do esporte moderno	44
3.2.1	Primórdios do esporte em Belém do Pará: o papel das mulheres (década de 1870 aos anos iniciais de 1900)	45
3.2.2	Início do esporte moderno em Belém do Pará (anos iniciais de 1900 até a década de 1910)	53
3.2.2.1	Mulheres belenenses e práticas esportivas de caráter esporádico: <i>rocket</i>, patinação, tiro ao alvo, natação, ginástica e futebol	53
3.2.2.2	Mulheres belenenses e práticas esportivas de caráter recorrente: ciclismo e regatas	63
4	À GUISA DE CONCLUSÃO	75
	FONTES	79
	REFERÊNCIAS	82

1 À GUIA DE INTRODUÇÃO

A escolha do tema para a elaboração do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é proveniente de um percurso escolar/acadêmico que me trouxe reflexões acerca da história da mulher. Apesar do meu distanciamento em relação à prática de esportes, escolhi o curso de Educação Física ciente da importância dessa área de conhecimento para a sociedade, porém sem entender o quanto as questões estudadas durante o curso estão vinculadas ao nosso cotidiano e quão grandes podem ser as contribuições para diversas áreas tendo em vista a interdisciplinaridade¹ inerente a Educação Física. Desse modo, já tendo uma proximidade com a disciplina História desde o ensino médio, durante a graduação me deparei com as disciplinas História dos Esportes e da Educação Física e Estudos Sociológicos em Educação Física, ambas ministradas pelo professor Douglas da Cunha Dias, que me proporcionaram conhecer e compreender a história e as questões sociológicas da perspectiva da Educação Física.

Entretanto, a maior aproximação com o tema ocorreu durante minha participação no grupo de pesquisa intitulado “Grupo de estudos e pesquisa em práticas físicas institucionalizadas, educação do corpo, esporte e educação física – HAPAX”, no qual pude desenvolver uma pesquisa, em conjunto com o professor Douglas Dias, que resultou em uma apresentação no XIV CHELEF². Durante essa pesquisa encontramos em fontes documentais trechos e imagens que confirmam a participação das mulheres no processo que levou ao surgimento do esporte moderno em Belém do Pará³. A partir disso, houve um maior interesse em dar continuidade à pesquisa, estabelecendo os objetivos, buscando relatar e analisar o que foi registrado sobre as mulheres nesse tempo histórico. A delimitação do tema foi elaborada em acordo com o professor orientador, intitulando-se “Mulheres ao longo do processo de surgimento do esporte moderno em Belém do Pará (décadas finais do século XIX aos anos de 1910)”.

A partir de um levantamento bibliográfico inicial, percebeu-se a escassez de estudos que tenham como foco a participação das mulheres na sociedade paraense no que diz respeito às

¹ O uso desse termo para caracterizar o curso de Educação Física mantém relações que ultrapassam a grade curricular, a qual apresenta diversos conteúdos que a princípio podem parecer não ter vínculo uns com os outros. Essas conexões são possíveis graças aos docentes da faculdade que procuram estabelecer essa dinâmica durante a formação docente e parte também de um exercício pessoal de cada discente.

² XIV Congresso de História do Esporte, do Lazer e da Educação Física, realizado na Universidade Estadual de Campinas, no ano de 2016.

³ O resumo do trabalho pode ser encontrado nos anais do evento. Disponível em <<http://www.fef.unicamp.br/fef/chelef2016/anais>>. Acesso em 10 de Jul. 2017.

práticas físicas, esportivas e divertimentos no período do entre séculos XIX-XX. Nesse sentido, esboçamos um problema de pesquisa: Qual o papel das mulheres no processo de surgimento do esporte moderno⁴ em Belém do Pará nas décadas finais do século XIX aos anos de 1910?

Como trata Michelle Perrot em seu livro intitulado “Minha história das mulheres” (2008), as mulheres tiveram durante muito tempo uma vida privada, estritamente doméstica, ficando isentas da participação social. Os holofotes eram voltados aos espaços públicos, registrando-se os acontecimentos ou eventos da sociedade e a mulher, geralmente, não estava presente, sendo pouquíssimo citada nos relatos desses acontecimentos sociais. Como a escrita também demorou a chegar às mãos das mulheres, haveria poucos registros autorais de suas vidas, assim, a grande maioria do material sobre as mulheres foi produzido por homens, recheado de estereótipos e representações imaginativas, em detrimento das descrições factuais. Perrot também evidencia a influência da visão masculina diante dos relatos históricos e como esses relatos mostraram sempre uma única perspectiva dos fatos. Nesse sentido, afirma a historiadora:

Para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios (PERROT, 2008, p. 21).

Deparei-me com essa realidade ao realizar a pesquisa exploratória e também ao longo da pesquisa, uma vez que os jornais que foram adotados como fonte traziam em suas páginas um incômodo silêncio sobre as mulheres. De certo modo, esse silêncio motivou a pesquisa ora apresentada. Afinal, os papéis exercidos pelas mulheres até meados do século XIX eram restritos e estavam ligados quase que inteiramente às atividades do lar (MELO, 2007). Seria essa realidade aplicada a uma Belém do século XIX? Ou, ainda segundo Melo, as mulheres pertencentes às elites pouco se mostravam nos meios sociais e suas movimentações pela cidade eram raras. Contudo, no entre séculos XIX e XX ocorrem mudanças nos papéis femininos e a presença das mulheres começa a ser mais frequente nos espaços sociais. Graças ao desenvolvimento urbano das cidades, “[...] a presença feminina é cada vez mais constante nas competições esportivas, no teatro, no cinema, nos parques públicos” (MELO, 2007, p. 133). Esse quadro poderia ser atribuído também a uma Santa Maria de Belém do Grão-Pará do período aqui evocado?

⁴ Adotaremos o entendimento de Elias e Dunning (1992).

Cabe destacar o pressuposto de que o esporte é uma construção histórica que se consolidou como prática cultural fundamentalmente no entre séculos XIX e XX no Brasil (MELO, 2007). A princípio, pesquisas indicam que processo equivalente/similar ocorreu em Belém do Pará, guardando as devidas particularidades histórico-contextuais, como o processo de esportivização⁵ dos esportes náuticos (DIAS, 2014; DIAS; SOARES, 2014) e a institucionalização e popularização do futebol (GALDÊNCIO, 2016). No Brasil, indica-se que por intermédio do esporte as mulheres ocuparam espaços-tempos de sociabilidades⁶ então inéditos (LUCENA, 2011). Entretanto, em nossa pesquisa exploratória pudemos perceber que poucos são os estudos voltados à inserção das mulheres no esporte em Belém do Pará, muito embora haja indícios de fontes a serem exploradas.

Ainda a partir de nossa pesquisa exploratória, podemos afirmar preliminarmente que o esporte moderno foi um dos espaços de sociabilidades e inserção das mulheres belenenses no convívio social nas décadas finais do século XIX aos anos de 1910, ou ainda, ao vivenciarem práticas esportivas – como espectadoras ou praticantes – as mulheres passam por um processo de inserção social próprio de uma cultura urbana que então era forjada qual aceno de modernidade (DIAS, SOARES, 2014).

Tendo em mente o problema de pesquisa, definimos como objetivo geral analisar a participação das mulheres ao longo do surgimento do esporte moderno em Belém, nas décadas finais do século XIX aos anos de 1910. Já os objetivos específicos são:

- a) Compreender o tempo histórico das décadas finais do século XIX aos anos de 1910 no que diz respeito à inserção das mulheres no universo das sociabilidades;
- b) Analisar como se deu a origem das práticas esportivas femininas (décadas finais do século XIX aos anos de 1910);
- c) Pontuar esportes praticados pelas mulheres (décadas finais do século XIX aos anos de 1910);
- d) Compreender o esporte como campo de sociabilidade para as mulheres belenenses nas décadas finais do século XIX aos anos de 1910.

⁵ “Ato ou efeito de converter ou transformar uma prática corporal em esporte ou uma prática social em assumir os códigos próprios desse fenômeno” (GONZALEZ, 2014, p. 263).

⁶ Segundo Simmel (2006), a sociabilidade é a maneira pela qual os indivíduos estabelecem uma unidade objetivando satisfazer a necessidade de sociação, tornando-a um fim em si mesmo. A sociabilidade é também caracterizada pelo autor como a forma lúdica de sociação, o modo pelo qual as pessoas apreciam a companhia recíproca, a forma do relacionamento sociável, do entretenimento.

Considerando esse quadro, e no sentido de contribuir para o campo da história dos esportes, em especial na cidade de Belém do Pará, adotando como fontes, os seguintes jornais do período evocado, pertencentes aos acervos da Hemeroteca Digital Brasileira⁷ e da Biblioteca Pública Arthur Vianna, setor de microfilmes, do Centro de Convenções Tancredo Neves (CENTUR):

1) O PARÁ: diário vespertino que apoiava o Partido Republicano, fundado em dezembro de 1897 e saindo de circulação em 17 de setembro de 1900 (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

2) O LIBERAL DO PARÁ: jornal diário, órgão do Partido Liberal do Pará. O primeiro número foi publicado em janeiro de 1869, suspendeu a publicação em período não identificado e retornou em setembro de 1869. Saiu de circulação em 1889, após a Proclamação da República (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

3) O DEMOCRATA: jornal de circulação diária, órgão do Partido Republicano Democrático, sob direção do extinto Partido Liberal. Surgiu no ano de 1890, em continuação ao jornal “O Liberal do Pará”, e teve várias fases em decorrência dos atentados dos quais foi vítima. O periódico suspendeu sua publicação em dezembro de 1895, com a intenção de retornar posteriormente, porém não voltou a circular (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

4) O JORNAL: publicação diária, circulou no período entre setembro e dezembro de 1900. Saiu de circulação com o exemplar de número 93 (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

5) A REPUBLICA: publicado diariamente, era redigido por membros do Club Republicano, que tinha como presidente José Paes de Carvalho e vice-presidente o bacharel Gentil Augusto de Moraes Bittencourt. O primeiro número foi publicado em setembro de 1886 e encerra sua primeira fase em maio de 1887. Reinicia sua publicação em fevereiro de 1890, agora sob a direção de Raymundo Martins, Manoel Barata, Theotônio de Britto e Martins Pinheiro e redação de João Hosannah de Oliveira, Marques de Carvalho e João Chaves da Costa. Deixa de circular definitivamente em 1897, tendo publicado 1808 números (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

⁷ Plataforma online disponibilizada pela Fundação Biblioteca Nacional que reúne diversos periódicos digitalizados de várias épocas e estados.

6) FOLHA DO NORTE: periódico diário, fundado em janeiro de 1896 por Enéas Martins, Cipriano Santos e outros, defendia o Partido Republicano Federal e teve como um dos principais “opponentes” o jornal “A Província do Pará”, propriedade de Antônio Lemos. Em junho de 1973 foi adquirido por Romulo Maiorana e deixou de circular em 1974 (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

7) A PROVÍNCIA DO PARÁ: jornal diário, fundado em 25 de março de 1876 por Joaquim José de Assis, Francisco de Souza Cerqueira e Antonio José Lemos. Teve sua publicação interrompida por diversas vezes, somando quatro fases ao longo de sua história. Durante sua segunda fase, de 1901 a 1912, teve como único proprietário o então intendente Antonio Lemos. Circulou até 2001 (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

8) O BINOCULO: jornal publicado semanalmente, sob a direção de Brazilino Perdigão, que circulou entre os anos de 1896 e 1908 (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

9) CORREIO PARAENSE: jornal de publicação diária, propriedade de Bento Aranha, circulou entre maio de 1892 e junho de 1894 (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

10) ESTADO DO PARÁ: periódico diário, fundado por Justo Chermont em abril de 1911. Circulou até 1980, suspendendo a publicação algumas vezes, totalizando 15.684 números publicados (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

A disponibilidade de alguns jornais paraenses na Hemeroteca Digital contribui para o andamento da pesquisa documental, uma vez que a reforma realizada no CENTUR coincidiu com o período de coleta de dados. Contudo, os periódicos que me forneceram alguns dos principais dados (“A Província do Pará” e “Estado do Pará”) não estavam disponíveis em formato digital, o que me fez buscar a Biblioteca Arthur Vianna após a reforma. A pesquisa realizada exclusivamente no setor de microfimes, tendo em vista a precariedade dos exemplares impressos, mostrou-se mais lenta do que seria de se esperar de uma pesquisa com jornais microfilmados. Infelizmente, o pequeno número de máquinas para ler esse tipo de material disponíveis (três máquinas funcionando e várias paradas, com defeito) obrigava a organização de um revezamento entre os pesquisadores presentes. Cada pessoa presente teria uma hora para consulta, após o término desse tempo, os pesquisadores na “fila de espera” poderiam também utilizar as máquinas durante uma hora. Dependendo do número de pessoas, a permanência nessa fila poderia ultrapassar uma hora, o que me fez ir mais cedo para casa algumas vezes. Em alguns

dias tive sorte, quando o número de pesquisadores era pequeno, e pude passar dias inteiros fazendo minha pesquisa sem precisar revezar.

O manuseio em algumas máquinas era mais complicado que em outras, o que gerava uma preferência na hora da escolha de qual usar. Uma delas possibilitava o registro de trechos dos periódicos com a própria câmera do celular, as outras possuíam na tela um reflexo que dificultava ou até impossibilitava esse tipo de registro, impondo assim o registro escrito dos trechos encontrados (alguns bem longos). Além disso, a máquina preferida possuía outro atributo, possibilitava a visualização de uma página inteira do periódico, facilitando a identificação das colunas e acelerando o processo da pesquisa. As máquinas sem essa característica mostravam partes das páginas, o que acabava aumentando a permanência em um mesmo número do periódico, prolongando o período de coleta de dados.

Apesar disso, durante a pesquisa na Hemeroteca Digital e na Biblioteca Arthur Vianna, foi possível reunir um material significativo para desenvolver o presente trabalho. Os trechos encontrados e apresentados ao longo do trabalho, além de possibilitarem a escrita deste texto, comprovam a necessidade da pesquisa documental para compor a história das vivências de outrora.

Caracterizada como estudo historiográfico de caráter documental, adotamos a História Cultural⁸ como norteadora para a análise das fontes, debruçando-se, desse modo, sobre a interpretação do conjunto de transformações de mentalidades e sensibilidades coevas no que concerne ao papel das mulheres no surgimento e consolidação do esporte moderno em Belém do Pará. Nesse sentido, os pressupostos teóricos utilizados para a pesquisa são os da História Cultural, em especial dos autores George Vigarello e Michelle Perrot. No que diz respeito ao Brasil, Margareth Rago e Victor Melo, bem como, em relação à Belém, Nazaré Sarges. As produções dos autores Douglas da Cunha Dias e Carmem Lúcia Soares nortearão as discussões sobre o esporte em Belém.

A pesquisa mantém a seguinte estrutura: a seção 2, intitulada “Mudanças nas cidades e a história das mulheres”, traz uma revisão de literatura acerca da história das mulheres, apontando

⁸ A História Cultural, segundo Peter Burke, constitui-se a partir das estruturas sociais e políticas, nas quais os sujeitos agem e atuam na construção e manutenção da história. Os espaços urbanos, tanto públicos quanto privados, se fundam como lugares de cultura, promovendo uma intensa interação cultural entre diferentes grupos, possibilitando a identificação e o registro histórico de fatos considerados de pouca relevância a historiografia “tradicional”. Nesse sentido, a história cultural é de extrema importância, tendo em vista o seu papel de dar visibilidade a grupos e pessoas antes ignorados na escrita da história (BURKE, 2006; 2005).

algumas questões acerca da produção, ainda pequena, de pesquisas voltadas a essa história, e analisa o período do entre séculos XIX-XX, no que diz respeito à inserção das mulheres no universo das sociabilidades na Europa, no Rio de Janeiro e na Belém da *belle époque*. Já a seção 3, intitulada “Uma nova cultura urbana e a ampliação das sociabilidades das mulheres belenenses”, apresenta os dados coletados e as análises provenientes deles. Essa seção, organizada em subseções, trata das diversas sociabilidades nas quais identificamos a presença de mulheres, principalmente as práticas físicas e esportivas, e o papel delas nesse campo. Na seção 4, “À guisa de conclusão”, fazemos um apanhado geral do que foi tratado ao longo de todo o texto, procurando encerrar a pesquisa.

2 MUDANÇAS NAS CIDADES E UMA HISTÓRIA DAS MULHERES

Quando se investiga a história das mulheres - entendendo-as como um coletivo e não tratando de mulheres específicas -, em certos períodos, como é o caso da presente pesquisa, é possível afirmar que existe uma espécie de invisibilidade que paira sobre as mesmas, inclusive, excluindo-as de diversas esferas das sociabilidades, impondo às mesmas, grosso modo, uma vida ligada ao lar, seja no papel de filhas ou de mães. As mulheres permaneceram ausentes dos relatos por diversos motivos, dentre eles, a não participação delas em eventos e espaços públicos, ambientes que recebiam atenção no que se refere a registros escritos, já que estavam confinadas ao ambiente doméstico (PERROT, 2007). Outro motivo relevante, apresentado por Perrot, é a falta de vestígios deixados pelas mulheres, escritos e materiais, uma vez que “[...] seu acesso à escrita foi tardio [e] suas produções domésticas são rapidamente consumidas [...]” (PERROT, 2007, p. 17). Ainda segundo a autora, a escrita da história no que diz respeito às mulheres é caracterizada por “[...] uma falta de fontes não sobre as mulheres nem sobre *a mulher*; mas sobre sua existência concreta e sua história singular. No teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra” (PERROT, 2007, p. 22, grifo da autora). Assim, nos escassos relatos de acontecimentos sociais nos quais as mulheres são retratadas, visualizamos um material, na maioria das vezes produzido por homens, repleto de estereótipos e representações imaginativas, em detrimento das descrições factuais. Noutros termos, podemos dizer que é um olhar masculino, a partir da lógica masculina, que vem narrando a participação das mulheres ao longo do fio da história.

Ainda sobre o tema, desde o século XIX, a história tem dado espaço à mulher, entretanto, isso vem ocorrendo a partir de “[...] um espaço cuidadosamente demarcado pelas representações e ideais masculinos dos historiadores que, até bem pouco tempo, a produziam com exclusividade” (DEL PRIORE, 1994, p. 12). Segundo a autora, o historiador francês Michelet foi um dos primeiros a tratar da mulher a partir de uma perspectiva histórica⁹, pois o mesmo

[...] compreendia o movimento da história como uma resultante da relação dos sexos, modulado pelo conflito latente entre a mulher/natureza e o homem/cultura [sendo que a mulher] só teria papel benéfico neste processo se dentro do casamento e enquanto cumprindo o papel de mãe. Ao fugir da benfazeja esfera da vida privada ou, ao usurpar o poder político como faziam as adúlteras e as feiticeiras, elas tornavam-se um mal. (DEL PRIORE, 1994, p. 12).

⁹ "A primeira mirada sobre as mulheres, se bem que oblíqua e moralista, vem de Michelet, em 1859, no seu livro 'La Femme'" (DEL PRIORE, 1994, p. 12).

É possível afirmar que os estudos históricos voltados às mulheres surgiram ao longo dos anos de 1960, na Grã-Bretanha e Estados Unidos, chegando à França na década seguinte, sendo vários os fatores que levaram a tal movimento, entre os quais, a inserção de um maior número de mulheres nas universidades (tanto como estudantes quanto como docentes) e a emergência do movimento de liberação das mulheres. Com efeito, pode ser dito que a produção norte-americana e francesa dos anos de 1960 e 1970 “[...] desenhou os primeiros contornos dos estudos acerca das mulheres demarcando um território acadêmico e político necessário à desejada busca pela visibilidade” (GOELLNER, 2013, p. 46), tendo como grande influenciador o movimento feminista, que colaborou significativamente com a área ao cunhar proposições teórico-epistemológicas, dando suporte a novos discursos e práticas.

Muito embora a introdução desses aportes teórico-epistemológicos provenientes dos feminismos tenha sido responsável pela ampliação do campo de pesquisa historiográfica, potencializando a produção acadêmica nessa área, a atenção dada pelos feminismos à história do esporte ainda parece muito pequena, em especial na produção acadêmica em língua portuguesa. Diante disso, um problema apresenta-se: se é possível afirmar a existência de uma historiografia que se debruça sobre as histórias das mulheres, uma historiografia dos esportes, grosso modo, parece mantê-las em um campo de invisibilidade, pois “[...] os estudos a respeito do esporte, inclusive os de cunho historiográfico, em sua maioria, têm ignorado a própria generificação que o estrutura” (GOELLNER, 2013, p. 48). Contudo, Goellner defende que essas questões não anulam ou abrandam as contribuições provenientes dos feminismos, pois “[...] os estudos feministas e de gênero possibilitaram outros pontos de vista sobre o esporte” (GOELLNER, 2013, p. 48).

Ampliando a discussão sobre o tema, ao nos debruçarmos sobre a história da mulher é necessário evitar uma

[...] dialética sempre utilizada, da dominação masculina versus opressão feminina, [...] por sua circularidade, e [deve ser] substituída pela análise das mediações, no tempo e no espaço, através das quais qualquer dominação se exerce. Deve-se fugir da história que faz da mulher uma vítima, ou o seu inverso. As zonas de análise mais produtivas para a história da mulher são as nebulosas, onde encontramos as mulheres anônimas [...] (DEL PRIORE, 1994, p. 13).

Faz-se necessário visualizar as mulheres como personagens atuantes, apesar da invisibilidade no que tange aos relatos escritos, em contraposição à imagem recatada e serena construída ao longo dos séculos, afinal, todo indivíduo, ainda que minimamente, toma parte na

constituição da sociedade na qual está inserido. De acordo com a autora, a história das mulheres anônimas constitui um precioso campo de análise, capaz de expor novas perspectivas sobre os acontecimentos históricos e de auxiliar a dissolução de certos estereótipos difundidos até então.

Além disso, Del Priore enfatiza a presença de turbulências no campo da história da mulher, já que para se tornar visível é necessário um movimento transgressor, abarrotado de novos sentidos e significados, passíveis de causar desconfortos à sociedade. Segundo a autora,

[...] o território do feminino na história não é um lugar sereno, onde a mulher se locomove sem riscos, e onde o confronto e conflito não imprimem suas marcas. A história da mulher é, antes de tudo, uma história de complementaridades sexuais, onde se interpenetram práticas sociais, discursos e representações do universo feminino como uma trama, intriga e teia. (DEL PRIORE, 1994, p. 13).

Partindo de tais pressupostos, o presente capítulo objetiva compreender o tempo histórico do entre séculos XIX-XX, marco temporal de nossa pesquisa, no que diz respeito à inserção das mulheres no universo das sociabilidades. Nesse sentido, em um primeiro momento discutiremos a articulação entre cidades e mudanças de sociabilidades em uma Europa do entre séculos XIX-XX. O segundo momento apresentará discussões sobre o processo de urbanização ocorrido na cidade do Rio de Janeiro, então, capital da República. Por fim, discutiremos o processo de urbanização e modernização de uma Belém da *belle époque*.

2.1 Cidades e mudanças de sociabilidades: um olhar à Europa do entre séculos XIX e XX

É possível afirmar que ao longo do século XIX, de forma mais evidente em sua última metade, houve um conjunto de transformações urbanas nas grandes capitais ocidentais. Tais mudanças foram movidas pelo entendimento de modernidade, ou ainda, de progresso. Assim, pontua-se que no decorrer da

[...] segunda metade do século XIX, todas as nações ocidentais foram varridas por transformações geoeconômicas. Em 1850, França, Alemanha e Estados Unidos também eram sociedades predominante rurais; um século mais tarde, a urbanização prevalecera, apresentando um alto índice de concentração populacional. [...] Não é à toa que os cem (sic.) anos transcorridos entre 1848 e 1945 são chamados de ‘revolução urbana’ (SENNETT, 2006, p. 261).

As transformações postas em curso devem ser entendidas para além da dimensão arquitetônica, compondo um conjunto que inclui a invenção de usos e costumes e códigos de posturas, por exemplo. Desse modo, desde hábitos ligados ao cotidiano da família e das sociabilidades, até a normatização e normalização da vida banal a partir da criação de Códigos de Postura, formam a invenção da cultura urbana aqui estudada. Da mesma forma, pode-se dizer

[...] que cada modo de produção ‘produziu’ [não como uma coisa qualquer, mas como uma obra privilegiada] um tipo de cidade, que o ‘exprime’ de maneira imediata, visível e legível no terreno, tornando sensíveis as relações sociais as mais abstratas, jurídicas, políticas, ideológicas. [...] Na cidade também houve um processo cumulativo relativamente contínuo: acumulação de conhecimentos, de técnicas, de coisas, de pessoas, de riquezas [...] (LEFEBVRE, 2004, p. 11-12).

Ao longo da segunda metade do século XIX e primeiro quartel do século XX, as transformações urbanas então ocorridas constituíam uma experiência estética, que incluiu desde o surgimento de fábricas, viadutos e usinas, até manicômios e prisões (BRESCIANI, 1985), incluindo também a

[...] monótona uniformidade das extensas séries de casa construídas para os trabalhadores; e, no plano da potencialidade transformadora e assustadora do homem, pelas multidões em movimento, pelo tráfego contínuo de veículos, pelos bairros operários e pelos canteiros de construção de grandes obras públicas (BRESCIANI, 1985, p. 42).

Essas construções grandiosas, existentes em muitas cidades europeias, estabeleceram-se na paisagem urbana, firmando-se como marco do poder burguês além de abranger simbologias provenientes desse poderio. Nesse sentido, parece viável articular o surgimento e avanço mundial

do capitalismo às mudanças urbanas e de usos e costumes ocorridas nas grandes cidades, inaugurando o que pode ser chamado de cultura urbana. Cabe então considerar que o modo de produção capitalista impôs uma lógica social que tornou “[...] todos os países, mesmo os até então mais isolados [...] ao menos periféricamente, presos pelos tentáculos dessa transformação mundial [...]” (HOBSBAWM, 1988, p. 46).

Ao longo do século XIX, com o avanço e predomínio do capitalismo, a

[...] economia em expansão exigia uma população em expansão; e a população em expansão exigia uma cidade em expansão. O céu e o horizonte eram os únicos limites. Em termos puramente comerciais, crescimento numérico era sinônimo de melhoramento. O censo da população era suficiente para estabelecer a posição cultural de uma cidade (MUMFORD, 1998, p. 460).

Além das modificações perceptíveis nas paisagens europeias do século XIX, outro conjunto de grandes empreendimentos se fez presente, sendo o mesmo, embora não visível na superfície, primordial para a estrutura e funcionamento moderno das cidades, qual seja, o conjunto formado por

[...] redes subterrâneas de distribuição de água e gás [...] coleta de esgoto, [que] somadas as normas disciplinadoras de construção em geral, configuravam marcos menos visíveis, mas igualmente importantes, para o sucesso desse projeto constitutivo de uma nova estética (BRESCIANI, 1985, p. 45).

As moradias verticais, mais comuns inicialmente em Paris e posteriormente adotadas por Londres, foram propostas como substitutos das favelas da classe trabalhadora, consideradas um modelo mais sustentável de desenvolvimento urbano, além de proporcionar maior proximidade entre os moradores, estabelecendo boas relações de vizinhança. Até a adesão dos “apartamentos franceses” pelos londrinos, as construções de casas para os trabalhadores de Londres afastavam-se cada vez mais do centro da cidade, de modo que “[...] o aumento da distância entre os bairros onde as pessoas trabalhavam e faziam compras isolava a respeitável dona de casa dentro de suas quatro paredes” (CONLIN, 2015, p. 35).

Conlin, a partir de um texto publicado pelo periódico *Building News* em 1857, apresenta a visão negativa que os ingleses possuíam acerca do costume parisiense de morar em apartamentos e com cozinhas minúsculas, uma vez que, segundo o autor, “[...] era doloroso, mas era a mais pura verdade [...] que o parisiense ficava feliz por jantar fora, em um restaurante, e, ainda pior, levando a esposa, ou toda a família junto com ele” (CONLIN, 2015, p. 56). A moradia nesses moldes estabeleceu novas relações pessoais entre seus habitantes, aproximando-os, reforçando noções de comunidade e possibilitando às mulheres visitarem umas às outras.

A preocupação com o crescimento e modernização da cidade implica o alargamento das ruas, possibilitando um maior fluxo de pessoas, mercadorias e transportes, além de obter novos significados, pois, como aponta Mumford, as novas ruas pavimentadas e amplas adaptaram-se e passaram a ser utilizadas para sociabilidades. De acordo com o autor, surge uma função peculiar, “[...] aquele deserto pavimentado, adaptado primeiramente ao tráfego sobre rodas, tornou-se também parque, passeio e campo de jogos [...]” (MUMFORD, 1998, p. 462).

As novas ruas e calçadas proporcionavam a oportunidade de passear e observar vitrines sem a real necessidade de comprar, oportunizando sociabilidades entre os transeuntes e também entre os clientes das lojas. O Palais Royal, que possuía jardins muito extensos e servia como uma espécie de parque público, reunia uma diversidade de clubes, lojas e restaurantes,

[...] era um local para se exercitar, socializar, circular, comer, beber e comprar. Butiques e cafés temáticos trouxeram cidades estrangeiras para a população, que podia, alegremente, passar o dia todo lá, pois tudo de que necessitavam estava naquele lugar (CONLIN, 2015, p. 102).

Em efervescência, as cidades e a cultura urbana que então era inventada faziam com que ações da vida banal tivessem sua essência modificada de forma tal que o ato “[...] fazer compras proporcionava excitação: servia como ocasião especial para que a dona-de-casa se vestisse, saísse, exibisse a sua pessoa” (MUMFORD, 1998, p. 471). Esse perfil inédito trouxe às ruas um novo caráter, transformando-as em lugar de sociabilidades, favorecendo momentos desvinculados do confinamento de sua casa. As caminhadas pela cidade não estavam mais associadas apenas à passagem de um ponto a outro, passaram a ter um caráter prazeroso e social.

O advento do restaurante também contribuiu ao avanço das sociabilidades na cidade moderna, porém os principais clientes desses estabelecimentos eram homens. As mulheres consideradas “[...] respeitáveis não podiam, presumidamente, frequentar essa instituição sem causar danos ao conceito que a sociedade tinha delas. Em um guia de 1788, afirmava-se que ‘as mulheres honestas e de boa reputação nunca vão a restaurantes’” (COLIN, 2015, p. 103). Para mulheres respeitáveis, que precisavam realizar atividades corriqueiras ou compras na cidade, as confeitarias, que serviam basicamente doces, sopas e sanduíches, eram a única alternativa socialmente aceita (COLIN, 2015). Os ingleses, apesar de também frequentarem restaurantes, censuravam os franceses por passarem tempo demais nesses ambientes, para eles a mulher de Paris

[...] passava tanto tempo fora do seu apartamento que havia perdido todo o senso de distinção entre ‘estar fora’ e ‘estar em casa’. Uma parisiense que

analisa o seu reflexo em um dos muitos espelhos das salas de jantar principais dos restaurantes foi descrita em um relato de 1844 como fazendo aquilo com tanta ‘naturalidade’ que era como se ela estivesse no próprio quarto (CONLIN, 2015, p. 119).

A dança é outro fenômeno que colaborou para a difusão dos novos moldes da cidade moderna. Aos domingos, as famílias da classe trabalhadora buscavam um lugar para relaxar da árdua jornada semanal de trabalho, com bebidas, comidas e danças. Esses espaços eram chamados de *guinguettes*, podiam acomodar entre 50 e 300 pessoas e dançavam em grupos grandes. Além dessas confraternizações da classe trabalhadora, as danças podiam ser apreciadas pela burguesia em festas, bailes e clubes, durante as noites que se tornaram visíveis graças à iluminação das ruas (CONLIN, 2015).

Segundo Hobsbawm, o esporte também esteve presente nas transformações da cidade e dos costumes, já que facilitou a criação de

[...] novos padrões de vida e de coesão da classe média. O tênis, inventado em 1873, rapidamente tornou-se o jogo perfeito dos subúrbios da classe média, em grande parte por ser bissexual e por conseguinte oferecer um meio para os ‘filhos e filhas da grande classe média’ encontrarem parceiros não apresentados pela família mas certamente de posição social comparável à deles. Em suma, os esportes alargavam o estreito círculo de família e conhecidos, da classe média e, por meio da rede de entrelaçamento e interação dos ‘clubes de tênis com sócios contribuintes’, criavam um universo social fora das células domésticas auto-abrangentes (HOBSBAWM, 1988, p. 257).

Hobsbawm relaciona a ascensão dos esportes à progressiva emancipação feminina nos países europeus, principalmente de mulheres da classe média. Além disso, o autor afirma que a rápida ascensão do esporte tem vínculos mais fortes com a necessidade social do que com a prática de exercícios físicos ao ar livre. Considerado pelo autor uma criação da classe média, o esporte foi um importante avanço às sociabilidades da cidade moderna (HOBSBAWM, 1988).

As diversas transformações/mudanças apresentadas até então favoreceram a constituição da cidade moderna, tendo Paris e Londres como principais palcos para essas mudanças, além do surgimento de uma cultura urbana inédita, que modificou as sociabilidades (LEFEBVRE, 2004). Os adventos estruturais da cidade proporcionaram às pessoas novas necessidades e, conseqüentemente, novos interesses. A mudança de moradia, por exemplo, promoveu um estreitamento de relações entre os habitantes dos apartamentos (COLIN, 2015).

A ampliação e pavimentação das ruas transformaram as paredes externas das lojas em vitrines, a fim de serem apreciadas pelos pedestres, estimulando a entrada nas lojas, porém sem a

obrigatoriedade de aquisição do produto (MUMFORD, 1998). Os restaurantes apresentam um novo modo de comer, envolvido por experiências que partem desde o ornamento do espaço até a comida em si. Apesar de existir, durante certo período, um impedimento social acerca de mulheres fazerem suas refeições em restaurantes, nas décadas finais do século XIX foram criados espaços exclusivos para que elas pudessem se alimentar fora de casa, sem recorrerem a confeitarias (CONLIN, 2015).

As danças, festas e bailes também foram importantes para as novas sociabilidades da cidade moderna ao estimular a reunião de diversas pessoas em um mesmo espaço (COLIN, 2015). O esporte esteve presente como uma nova necessidade social, estimulando o convívio entre pessoas de ambos os sexos e contribuindo ao processo de emancipação das mulheres (HOBSBAWM, 1988).

2.2 Cidades e mudanças de sociabilidades: um olhar ao Brasil do entre séculos XIX e XX

Muitas das transformações tratadas até aqui serão realizadas na cidade do Rio de Janeiro, capital do Brasil, inicialmente com a vinda da Corte Real Portuguesa e estendendo-se durante todo o século XIX e início do XX, tendo como modelo principal os padrões europeus. A partir da instalação da família Real, a cidade do Rio de Janeiro passa por mudanças significativas, desde o remodelamento do espaço urbano, a fim de transformar a cidade, adequando-a à presença da Corte, até um desenvolvimento cultural alterado, levando muito mais em consideração as influências europeias. O Rio de Janeiro torna-se abruptamente “[...] capital de um império que pretendia representar a continuidade das monarquias e da cultura europeia na América dominada pelas repúblicas, [...] apresentava-se como pólo civilizador da nação” (ALENCASTRO, 1997, p. 10)¹⁰. Segundo Lucena, “[...] é ao longo do século XIX e, particularmente, na sua segunda metade, que o progresso terá um ritmo mais acelerado que em todo o período anterior e diferenciada se tornará a cidade e conjunto de seus habitantes” (LUCENA, 2000, p. 18).

De acordo com Freyre, as transformações no espaço urbano modificaram os costumes da população, inclusive ampliando o número de moradores na cidade. O autor afirma que, a partir da evolução dos serviços públicos (iluminação, calçamento e saneamento), as características da vida nas cidades mudaram, ficando “[...] mais livre da rotina doméstica. A rua – outrora só de negros, mascates, moleques – se aristocratizaria” (FREYRE, 2004, p. 126). A produção de itens como velas, sabão e panos, antes realizada domesticamente, passa a ser desenvolvida por fábricas. Os costumes das mulheres também sofreram alterações,

As senhoras mais chiques penteando-se não mais à portuguesa, [...] mas à francesa, vestindo-se também à francesa, indo ao teatro ouvir óperas cantadas por italianas [...]. Os meninos educando-se em colégios – alguns de estrangeiros – e em academias; e não apenas em casa, com o tio-padre ou o capelão (FREYRE, 2004, p. 126).

Até parte do segundo quartel do século XIX, as mulheres aristocratas passavam a maior parte do tempo em suas casas e desapareciam de vista caso algum estranho chegasse. Segundo Freyre, foi no Rio de Janeiro (Brasil Império) que a mulher, aos poucos, começou a aparecer aos estranhos, e em bailes e nos teatros de rosto descoberto (FREYRE, 2004). Na capital do Império Brasileiro, os homens também não eram vistos na cidade, estando, geralmente, em seus sobrados

¹⁰ História da Vida Privada, v 2. Introdução. p. 10.

e preocupando os médicos com ideias higiênicas, como é apresentado por Freyre em um trecho escrito pelo médico Lima Santos, se referindo principalmente à população do Rio de Janeiro e da Bahia, e transcrito pelo “Diário de Pernambuco” do dia 18 de agosto de 1855.

De facto: os Brasileiros [...] não fazem exercicio sufficiente ao desenvolvimento de sua energia physica, e espirital; mettidos em casa, e sentados a mor parte do tempo, e entregues a uma vida inteiramente sedentaria [...]. Verdade he que o grande luxo da terra – um dos signaes de fidalguia, de grandeza e de grande distincção – he, o sahir á rua o menos possivel, ser o menos visto possivel e se confundir o menos possivel com essa parte da população que os *grandes* chamam povo, e que tanto abominam. [...] Para que se fuja pois destes inconvenientes que trazem a queda do corpo, que afugentam as forças e a energia, he mister uma vontade forte, e que resistindo ao clima e ao calor, despreze os hábitos maus e os maus exemplos, promovendo um exercicio necessario, moderado e regulado por uma boa hygiene [...] (SANTOS apud FREYRE, 2004, p. 145-146).

Podemos visualizar o distanciamento entre os homens e as ruas da cidade, a vida estritamente privada das mulheres, explicitada pelo médico ao se referir às senhoras “[...] que vivem como aves nocturnas, que só apparecem com as trevas [...]” (SANTOS apud FREYRE, 2004, p. 146), mantidas confinadas em suas casas, e a rejeição da prática de exercícios físicos por parte dessas pessoas, o que pode estar atrelado à precária urbanização das cidades até então. Entretanto, as ruas da capital passavam por transformações e se tornaram as mais requintadas do Império, contando inclusive com uma grande rua, a rua do Ouvidor, que oferecia produtos de luxo e tinham inspiração a moda francesa ou eram trazidos da Europa.

Expandem-se o Rio de Janeiro, a área urbana cresce em direção ao norte, para a Cidade Nova, apresentando ruas mais largas, que orientam o crescimento da cidade. As propriedades, quintas e fazendas, são divididas em lotes menores e as construções seguem os padrões arquitetônicos europeus. De acordo com Freyre, o sobrado, com suas frentes, até então, voltadas para ruas sujas, por onde transitavam a pé apenas negros, moleques e prostitutas, manteve nas cidades a utilidade “[...] da casa-grande do interior, de guardar mulheres e guardar valores. Daí os cacos de garrafa espetados nos muros: não só contra os ladrões mas contra os *donjuans*. Daí as chamadas urupemas, de ar tão agressivo e separando casa e rua, como se separasse dois inimigos” (FREYRE, 2004, p. 271-272, grifo do autor). Porém, essas construções passaram por importantes modificações, a incorporação da varanda e do caramanchão, que marca uma vitória das mulheres sobre a repressão exercida pelos homens e a flexibilização da cidade patriarcal (FREYRE, 2004).

Com a varanda e o caramanchão veio o namoro da mulher senhoril não apenas com o primo mas com o estranho. Um namoro tímido, é verdade, de sinais de

lenço e de leque. Mas o bastante para romantizar o amor e torná-lo exógeno. Quando as urupemas foram arrancadas à força dos sobrados do Rio de Janeiro, já no tempo de D. João, e dos sobradões do Recife e das cidades mais opulentas da colônia já quase independente de Portugal, pode-se dizer que se iniciou nova fase nas relações entre os sexos (FREYRE, 2004, p. 272).

Outro tipo de construção que favoreceu as sociabilidades entre as pessoas foram as casas de sítio, as quais eram como casas de verão dos moradores ricos da cidade. Nessas casas,

[...] os homens jogavam cartas; debaixo das mangueiras havia almoços ao ar livre, alegres e às vezes com vinho. [E] salões [...] para as moças de saia-balão brincarem de padre-cura com os rapazes [...] ou [para] dançarem as quadrilhas aprendidas com os mestres franceses (FREYRE, 2004, p. 308).

Compreende-se a importância das mudanças dos tipos de moradias para a estruturação de novas sociabilidades entre as pessoas, inclusive contribuindo para a experimentação de uma vida social nova para as mulheres.

Com bairros mais afastados do Centro, caminhar e transportes com tração animal se tornam insuficientes, há a necessidade de implantação de novos meios de transporte (bondes e trens), favorecendo principalmente pessoas das classes rica e média que se estabeleceram em localidades afastadas do Centro. Conforme Pinheiro, “[...] a implantação dos novos meios de transporte no Rio revela-se importante por contribuir para as mudanças que acontecem em sua estruturação social e funcional [...]” (PINHEIRO, 2011, p. 103), expandindo ainda mais as regiões residenciais e a cidade, proporcionando uma maior rapidez nos deslocamentos e contribuindo para o reconhecimento de outros pontos da cidade.

Além disso, projetos de criação, ampliação e adequação de ruas e avenidas são apresentados e executados, principalmente ao final do século XIX. Pode-se afirmar que já no final do século XIX as cidades de

[...] São Paulo e Rio de Janeiro passam por uma série de transformações urbanas, com a abertura de avenidas e alamedas, com a construção de chafarizes e demais serviços públicos, com o calçamento de ruas, instalação de iluminação a gás, criação de novos bairros, que passam a ostentar casarões suntuosos [...] (RAGO, 1987, p. 164).

Um Brasil que via o século XX acenar, forjava um novo ideal de mulher, agora compondo o cenário da cultura urbana. Em tal perspectiva, a mulher integrava-se ao mundo das sociabilidades que iam para além dos limites da vida privada, mas continuava, entretanto, a ter sua vida sob a vigilância e mesmo sob o poder do patriarcado. Assim, apesar de inserida no cenário das capitais brasileiras, vivia-se o que hoje podemos denominar de

[...] invasão do cenário urbano pelas mulheres, no entanto, não traduz um abrandamento das exigências morais [...] Ao contrário, quanto mais ela escapa da esfera privada da vida doméstica, tanto mais a sociedade burguesa lança sobre seus ombros o anátema do pecado, o sentimento de culpa diante do abandono do lar, dos filhos carentes, do marido extenuado pelas longas horas de trabalho [...] Vários procedimentos estratégicos masculinos, acordos tácitos, segredos não confessados tentam impedir sua livre circulação nos espaços públicos ou a assimilação de práticas que o imaginário burguês situou nas fronteiras entre a liberdade e a interdição (RAGO, 1987, p. 63).

Pesaria sobre a mulher do entre séculos o papel de, uma vez inserida nas sociabilidades da vida urbana, manter-se entre a fronteira rígida entre proibições e permissividades, estabelecidas pelo e a partir do olhar masculino. Assim compreendida, a cultura urbana forjada na passagem do século XIX para o século XX seria marcada pela inserção da mulher às sociabilidades trazidas pela modernidade, sendo que, ao mesmo tempo, tal cultura reservaria às mulheres um papel restrito, limitando não apenas seu trânsito nos espaços públicos, mas também impondo às mesmas zonas limítrofes relativas ao seu comportamento em público, a partir daquilo que o olhar do patriarcado definia como adequado ou não aos bons costumes e às maneiras que uma mulher deveria ter em meio às sociabilidades e à vida em público. As modificações, estruturais e dos usos e costumes, ocorridas no Rio de Janeiro e em São Paulo, conforme aqui discutido, também foram postas em Belém do Pará – assim como em Manaus. Com efeito, as duas capitais amazônicas viveram em sua *belle époque* o sonho de serem europeizadas. Vejamos então como se deu esse projeto em Belém.

2.3 Cidades e mudanças de sociabilidades: uma Belém do entre séculos XIX e XX

Quando pensamos o processo de urbanização de Belém, é preciso destacar que no início do século XIX a cidade era formada pela freguesia da Sé e a da Campina, sendo povoada de forma desigual, o que era evidenciado

[...] pelo fato de, para chegar até a Campina, ser necessário atravessar um trecho de mata alagadiça. A predominância dos rios tornava a cidade pantanosa em alguns pontos. Dessa forma, a urbanização era difícil e o abastecimento de água se constituía em um problema considerável (MIRANDA et al, 2015, p. 52).

O naturalista Henry Bates, visitando Belém em 1848 afirma que os prédios públicos da capital do Grão-Pará, incluindo

[...] os palácios presidencial e episcopal, a catedral, as principais igrejas e conventos pareciam ter sido construídos segundo um padrão de grandeza muito acima das necessidades atuais da cidade. Ruas margeadas por vastas residências particulares, em estilo italiano, apresentavam-se em mau estado de conservação, com matos e arbusto nascendo de grandes rachaduras nas paredes (BATES, 1979, p. 21-22).

Essa realidade passa a ser superada em uma Belém dos anos de 1870, movida pelo comércio da borracha, período que ficou posteriormente conhecido como *belle époque*. De fato, Belém tornou-se, juntamente com Manaus, o porto de escamento de toda a produção gomífera. O auge do processo de modernização de Belém a partir da exploração e comércio da borracha ocorreu durante a intendência de Antonio Lemos, ocorrida no período de 1897 a 1911¹¹. Naqueles tempos idos, foi posto

[...] em curso o projeto do Intendente Municipal Antonio José de Lemos, cujas ações políticas visavam transformar a capital do Grão-Pará em uma ‘Petit Paris’, incluindo aí desde a modernização do tecido urbano e a padronização estética [europeizada] das habitações, até a imposição de preceitos higiênicos e de usos e costumes. Para Lemos, a Belém que vivia o auge do comércio da borracha deveria apagar do cenário urbano os traços herdados dos tempos do Brasil Colonial. Essa realidade também se impunha ao Rio de Janeiro e São Paulo ainda oitocentistas (DIAS, 2016, p. 235).

De fato, após um longo período sofrendo com o surto de febre amarela, em 1850, e o de cólera, em 1855, que vitimaram boa parte da população belenense, com impactos sobre a economia da

¹¹ Antonio José de Lemos. Maranhense. Nasceu em 1843 e faleceu em 1913, no Rio de Janeiro. Iniciou sua vida política em Belém como um dos vogais (cargo correspondente ao de vereador) do município, chegando ao cargo de intendente em 1897, e lá ficou até 1911. Por uma série de conjugações políticas, foi deposto e expulso da cidade em 1911. Sobre a administração de Lemos ao longo da *belle époque*, ver SARGES, 2010.

cidade, a capital do Grão-Pará inicia um percurso de transformações movidas pela economia da borracha (BELTRÃO, 2004; DIAS, 2014). Graças à ascensão da produção de borracha, Belém passou por um importante processo de urbanização, apresentando “[...] a partir da segunda metade do século XIX, tentativas de adaptação aos modernos costumes europeus, num profundo contraste com a realidade amazônica, além das tensões sociais geradas por uma nova ordem social capitalista emergente” (SARGES, 2010, p. 33). Essas mudanças foram estimuladas por uma nova dinâmica econômica e social, atrelada a exportação da borracha e a importação de um modelo de cidade e de costumes europeus. O Pará, principalmente Belém, integra-se a malha comercial mundial, tornando-se palco de mutações pelas quais outras cidades passaram ou passavam simultaneamente a Belém, ou seja,

[o]s valores, os códigos e os rituais da cultura da *belle époque*, na condição de teatro da civilização, espalharam-se, em maior ou menor escala, pelas sociedades contemporâneas. Paris, [...] Belém e Manaus, cidades de topografias sociais e físicas distintas, integravam-se ao circuito mundial da cultura burguesa, na medida em que abrigavam elos da cadeia mundial do mercado. A cultura burguesa da *belle époque* transitava pelos mesmos canais da circulação das mercadorias, dos capitais e dos bens de produção, o que implicava bem definir o sentido da mundialização da economia capitalista e do capital simbólico da cultura burguesa (COELHO, 2011, p. 141, grifos do autor).

É perceptível a importância da produção da borracha à modernização da Amazônia e, em especial, de Belém. Durante a primeira metade do século XIX, a agricultura, a criação de gado e atividades comerciais eram a base da economia de Belém e já se fazia presente um certo intercâmbio entre o Pará e a Europa, uma vez que “[...] membros de famílias abastadas do Pará e do Amazonas partiam em viagens para a Europa, geralmente para estudar, enquanto europeus interessados no mercado amazônico chegavam aos desembarcadouros de Belém” (COELHO, 2011, p. 147). Contudo, é a partir da segunda metade do século XIX que a produção de borracha se torna a principal atividade econômica do Pará, inserindo Belém no sistema capitalista mundial, consolidando-se ao final dos anos de 1870 e sustentando-se até os anos iniciais do século XX, e o processo de modernização começa a chegar em Belém. Com a inserção do Pará nas transações comerciais internacionais,

[...] Belém, a partir de 1850, tornou-se o porto escoador da produção amazônica da borracha, exigindo um melhoramento na área portuária e no centro da cidade, afinal, era preciso mostrar aos estrangeiros investidores uma cidade limpa, desinfetada e segura no que diz respeito ao controle das epidemias (SARGES, 2010, p. 200).

Diante desse *boom* da borracha, modificações na cidade se fizeram urgentes, aumentando a preocupação com a urbanização dos espaços, tendo como ideal os padrões europeus, principalmente franceses. A redefinição do espaço urbano contou com um remodelamento arquitetônico e melhora na infraestrutura, “[...] as ruas, em particular, transformam-se em lugares de mediações simbólicas e de troca de sociabilidades” (DIAS, 2014, p. 147). Desse modo, as transformações arquitetônicas e estruturais não são a totalidade do processo pelo qual Belém passou, pois há a “[...] invenção de um pensamento urbano, [com] a adoção (ou imposição) de usos e costumes [e que] diz respeito a um movimento que forja um novo (e positivo) sentido à natureza e à vida ao ar livre, fazendo dessas uma extensão da vida urbana [...]” (DIAS, 2014, p. 148). A educação do corpo perpassa novas práticas inerentes a urbanização, impondo aos passeios, eventos e sociabilidade públicas as regras de etiqueta e civilidade provenientes dos costumes europeus, trazendo também transformações de normas de conduta e criação de novos códigos de posturas (DIAS, 2014).

Com o projeto de modernização, surgem na cidade novas lojas, ruas e avenidas amplas, praças, bosques e teatros, estabelecendo “[...] um perfil de urbanização controlador posto que cada espaço delimitava ações e comportamentos aos seus frequentadores, criando um novo modo de vida [...]” (CASTRO, 2010, p. 30), ditando modas e comportamentos, sistemas de valores, sensibilidades, estado de espírito, influenciando e alterando os habitantes da cidade. Os tantos processos pelos quais a capital paraense passou, objetivando a modernização e civilização, a tornou mais próxima “[...] da Europa do que do Rio de Janeiro, com os seus interesses mais ligados ao velho continente e à América do Norte do que ao Brasil de que faz parte [...]” (LEMOS, 1909, p. 30 apud DIAS, 2014, p. 144).

A estreita relação entre a Belém da *belle époque* e a Europa proporcionou a circulação de um capital simbólico¹², podendo ser visualizado nas diversas associações culturais, sociedades literárias, sociedades musicais, agremiações, *clubs*, responsáveis por difundir e fortalecer as sociabilidades urbanas e intelectuais. A circulação de diversos periódicos também auxiliou na disseminação dos fundamentos do Progresso e da Civilização, tornando-se um instrumento ao processo cultural belenense. Os jornais publicavam uma combinação de matérias informativas e

¹² O conceito de capital simbólico se baseia sobretudo na manifestação do acúmulo dos diversos tipos de capital, tais como econômico, cultural, social, político e estético. É do emaranhamento do arranjo desses capitais que surge a caracterização do capital simbólico. Sua existência prevê de certo modo o atendimento às expectativas coletivas, pois só existe tendo em vista seu reconhecimento pelos outros como um valor (BOURDIEU, 1989; 2001).

seções culturais, com artigos literários, científicos e históricos, sendo que “[...] grande parte das matérias publicadas vinha de jornais franceses e lisboetas, principalmente na forma de artigos que, reproduzidos, fortaleciam a qualidade dos periódicos locais” (COELHO, 2011, p. 156).

No que tange à relação da mulher com a Belém *fin de siècle*, em seu processo de urbanização e modernização, constata-se que as sociabilidades se ampliam. Nas novas estruturas da cidade, como praças, ruas e avenidas repletas de lojas com produtos importados, teatros, *clubs*, salões e salas de visita das novas casas,

[...] a ideia de intimidade se ampliava e a família, em especial a mulher, submetia-se à avaliação e opinião dos ‘outros’. A mulher de elite passou a marcar presença em cafés, bailes, teatros e certos acontecimentos da vida social. Se agora era mais livre [graças a convivência social crescente], não só o marido ou o pai vigiavam seus passos, sua conduta era também submetida aos olhares atentos da sociedade. Essas mulheres tiveram de aprender a comportar-se em público, a conviver de maneira educada (D’INCAO, 2004, p. 228).

Os periódicos circulantes noticiavam os eventos realizados, inclusive trazendo alguns dos nomes das pessoas mais ilustres presentes, apresentando resumos desses acontecimentos. As ilustres mulheres belenenses eram geralmente citadas nas páginas dos jornais em colunas sociais, sempre tendo como referência o nome do pai ou esposo e eram “diletas filhas” e “dignas” ou “virtuosas esposas”. Também eram frequentes as propagandas direcionadas às mulheres, com anúncios de grandes lojas vendendo produtos importados da Europa, cosméticos, calçados, bem como oferecendo aulas de piano ou dança. Outra colaboração da modernização diz respeito aos banhos para fins terapêuticos ou estéticos disponibilizados às elites belenenses, segundo Dias (2014), esses banhos eram oferecidos em recintos fechados, espaços que proporcionavam sociabilidades e determinavam distinção social, ou seja,

[...] os banhos proporcionavam, grosso modo, momentos de sociabilização. Afinal, ir às casas de banho e mesmo às praias ampliava o círculo de convívio e, não menos, era um momento privilegiado para que a mulher pudesse, guardados os preceitos morais e de bom costume da época, expor seu corpo (DIAS, 2014, p. 205).

Além da presença dessas mulheres em casas de banhos, outra relação com água se estabeleceu a partir das regatas festivas realizadas inicialmente no ano de 1876 em Belém. Tendo em mente as pesquisas de Dias (2015), a regata realizada em homenagem à vitória brasileira na batalha de Riachuelo em 11 de junho de 1867, de caráter comemorativo, ainda se distanciava daquilo que é entendido como esporte moderno, porém ela dá início a um processo e apresenta

traços do que mais tarde se configuraria como esporte náutico. Com relação a participação das mulheres, Dias aponta que as mulheres, nos primeiros anos das regatas festivas,

[...] aparecem apenas como expectadoras, ali presentes para embelezar o evento. [...] Elegantes e belas, as mulheres marcavam assim, como expectadoras de um espetáculo físico ao ar livre, os novos tempos que ali eram forjados. Destarte, no Brasil, a virada do século XIX para o XX traz consigo uma maior inserção feminina no campo das sociabilidades urbanas, fosse como expectadoras ou como atletas (DIAS, 2015, p. 9).

Essa inserção inicial, ainda como espectadoras, proporciona um primeiro contato com as práticas físicas e viabiliza a futura participação efetiva dessas mulheres nos eventos esportivos, além de ampliar a participação e interação sociais. Segundo Lucena (2000), no Rio de Janeiro do entre séculos XIX e XX a regata também teve grande importância e a participação feminina era realmente efetiva. O autor apresenta em sua tese¹³ importante trecho originalmente publicado em 1884¹⁴, que evidencia a surpresa na participação feminina em uma regata:

A grande novidade eram umas regatas onde deviam figurar remadoras. E na verdade fizeram muito boa figura.

Dous escalares a quatro remos, tripolados por cinco moças cada um, disputaram perfeitamente e com todo o denodo a 5. corrida, chegando quasi juntas ao posto de vencedores.

Tanto as remadoras vestidas de azul como as de encarnado, surpreenderam a todos pelo modo vigoroso, firme e certo no remar.

Houve muitas apostas e entre estas algumas sobre o verdadeiro sexo da tripolação. Uns asseveravam que eram moças, outros que não.

Qual moças! Qual sexo fraco! Sexo forte, isso sim! Vejam só como remam!

São rapazes de desoito a vinte annos, ainda imberbes, que vestiram saia, diziam uns e apostavam. Moças não remam assim, e dobravam as apostas.

Só quando as remadoras chegaram perto é que os incrédulos acreditaram que não eram rapazes. E não foi preciso apalpar á moda de S. Thomé.

Felizmente! (LUCENA, 2000, p. 79).

Sobre a inserção da mulher no esporte e o processo responsável por esse fenômeno, trataremos no capítulo a seguir. Analisaremos, a partir das fontes, as diversas práticas nas quais as mulheres belenenses estavam presentes, bem como a importância dessa presença às sociabilidades femininas e ao processo de constituição do esporte moderno em Belém do Pará.

¹³ LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **O esporte na cidade**: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, 2000.

¹⁴ Rev. Ilustrada, 1884, n. 371, apud LUCENA, 2000, p. 79.

3 UMA NOVA CULTURA URBANA E A AMPLIAÇÃO DAS SOCIABILIDADES DAS MULHERES BELENENSES

3.1 “Elegantes damas, formosas senhoritas”: mulheres e sociabilidades na Belém da *belle époque*

Como discutido no capítulo anterior, com o processo de modernização da cidade, Belém passou a incorporar novas sociabilidades em seu cotidiano, inaugurando assim uma nova cultura urbana. A criação de espaços como praças, salões e *clubs* propiciou novas atividades de natureza social, como saraus e bailes que reuniam grande número de pessoas das elites belenenses. É possível visualizar essa nova movimentação nos periódicos da época que geralmente traziam informações de eventos que seriam realizados ou resumos dos já ocorridos. Assim, em um sarau realizado no dia 21 de fevereiro de 1898, eram “indescriptíveis as *toilettes*, pela sua elegancia e variedade de costumes com que se apresentaram as gentis senhoritas [...] (O PARÁ, 24.02.1898, p. 2). Constata-se a excitação nos preparativos, a partir de uma publicação referente à realização de um baile de aniversário do Club Universal, ao dizer que nas casas comerciais

[...] era enorme [...] a movimentação de empregados e freguezes – elegantes damas, formosas senhoritas, correctos cavalheiros – que, n’uma azafama cada vez maior, procuravam prover-se dos ultimos atavios e objectos de *toilette* com que deverão apresentar-se no baile [...] (O PARÁ, 02.01.1899, p. 2).

Esse entusiasmo podia ser percebido em diversos momentos, tendo em vista as diversas comemorações realizadas durante todo o ano. Dessa forma, o trecho a seguir mostra um pouco da dinâmica presente nas ruas de Belém no mês dos festejos do Círio de Nazaré do ano de 1890.

O cyrio! Meu deus, que reboiço!
Quanta gente na rua, n’um vae e vem incessante! Nunca vi o commercio tão animado.
Aqui as moças escolhem chapéos, diante dos espelhos, ali compram fitas, de todas as lojas sâem caixas enormes [...]. Os bond paravam a cada instante nas portas, e **bandos de moças** entravam, cada qual com duzias de embrulhos!
[...] (O DEMOCRATA, 26.10.1890, p. 2, grifo nosso).

De acordo com as fontes, Belém se mostrava mais animada nos dias que antecediam algum evento importante, isso pode ser evidenciado pela grande movimentação presente nas ruas da cidade. É possível identificar uma grande participação das mulheres nesse momento de

preparação para a realização dos bailes, como aponta o jornal “O Pará” do dia 06 de fevereiro de 1898:

Maravilhoso vae ser, sem duvida, o baile com que o Club dos Terrives festeja o seu anniversario, no dia 21 do corrente. Sabemos que innumeros preparativos têm sido feitos n’este sentido; e, a julgar pelo movimento que vae no **bello sexo**, aquella festa será deslumbradora (O PARÁ, 06.02.1898, p. 2, grifo nosso).

Eventos majestosos, repletos do que de melhor circulava na cidade, trazidos diretamente da Europa para o mercado belenense, faziam parte do cotidiano das elites residentes na capital do Pará. Ainda nesse sentido, vejamos o que diz outro texto, publicado no periódico “O Pará”, na coluna social “Belém Elegante”, sobre a realização de um sarau no palacete do Atheneu Commercial, no dia 13 de agosto de 1898:

[...] Sumptuosissima foi a festa, repassada da mais communicativa e franca alegria das exmas. familias unidas pelos laços da mais estreita cordialidade, n’uma intimidade agradável e prazerosa. Seguramente **duzentas senhoras enchem o salão** da antiga e querida sociedade; e ás 10 horas da noite principiava o sarau pela parte artistica.

As estudiosas senhoritas Emilia e Olinda Pinto tocaram ao piano [...].

Uma brilhante valsa abriu as dansas, que só tiveram fim ás 2 horas da manha, deixando, em quantos tomaram parte, saudosa e indelevel lembrança.

[...] (O PARÁ, 18.08.1898, p. 2, grifo nosso).

O trecho revela a participação de grande número de mulheres nesse evento, bem como famílias mantendo relações interpessoais, fato de extrema importância à constituição de sociabilidades das mulheres belenenses. Além disso, a participação de mulheres tocando piano durante o sarau sinaliza as novas ocupações da mulher urbana, como por exemplo, aulas de música, aulas de danças e até mesmo acesso a alfabetização e educação escolar. Da mesma forma, outras publicações apresentam a participação das mulheres belenenses em diversos acontecimentos sociais. Os trechos a seguir reafirmam essa constante presença. O periódico “O Pará” do dia 2 de fevereiro de 1898 relata o evento que inaugurou o Instituto Carlos Gomes e indica a presença de mulheres ali: “Installou-se hontem, conforme noticiamos, o instituto «Carlos Gomes» [...]. O recinto do vasto salão achava-se repleto, **notando-se muitas senhoras** da élite paraense, que concorreram para abrilhantar ainda mais o acto [...]” (O PARÁ, 02.02.1898, p. 2, grifo nosso). O conjunto dessas notícias, a partir do que dizem os redatores dos periódicos, ou ainda, as mentalidades da época, ao destacar a presença das mulheres em tais momentos de sociabilidade, elabora um discurso que delega às mulheres uma função social no conjunto das sociabilidades no campo ainda recente da cultura urbana então instalada pela belle époque em

Belém: embelezar, abrilhantar os eventos com a sua presença. Goellner afirma que a família patriarcal rural passa por uma certa reestruturação diante da urbanização das cidades, remodelando “[...] a imagem da mulher visto que está a se forjar uma nova mentalidade [...] reorganizadora das vivências sociais, familiares e domésticas, do tempo e da atividade feminina, do cuidado com o corpo e com a saúde” (GOELLNER, 2003, p. 25).

Eventos comemorativos também contavam com a participação das belenenses, como podemos visualizar a seguir: “A’s 3 horas da tarde de hontem começou o grande concerto pelos alumnos e director do conservatorio Carlos Gomes, em commemoração a data da promulgação da nossa constituição. Estavam presentes [...] muitas senhoritas e senhoras [...]” (O PARÁ, 23.06.1898, p. 2). O público feminino participava até mesmo de eventos literários, como vemos no trecho abaixo que relata a realização de um grande sarau no Club Euterpe.

Realisou-se hontem a noite nos salões do *Club Euterpe* a festa littero-musical da *Mina Litteraria* em honra a Coelho Netto. Com a assistencia de muitas senhoras, representantes de todas as classes sociaes, teve execução o programma anunciado [...]. Calculamos em numero superior a quinhentas as pessôas que secundaram com o seu comparecimento, o festival da *Mina Litteraria* (O PARÁ, 26.07.1899, p. 1).

A partir dos trechos encontrados nas fontes, parece evidente a participação de mulheres belenenses em momentos de sociabilidade. Entretanto, entendemos que de início eram a elegância e beleza das mulheres o enfoque dos textos publicados nos jornais, geralmente tecendo elogios e enfatizando os trajes europeizados das senhoras das elites. Destarte, a inserção das mulheres em eventos de sociabilidade em Belém pode ser entendida como processual. Além disso, é o olhar masculino que descreve, narra ou constrói tal imagem, uma vez que as redações dos jornais eram de responsabilidade dos homens. O processo de inserção das mulheres belenenses em momentos de sociabilidades foi analisado por Henry Walter Bates¹⁵, naturalista inglês que morou em Belém durante 11 anos, da seguinte forma:

Aos poucos se vão libertando das noções ignorantes e supersticiosas que herdaram de seus antepassados portugueses, pricipalmente no que se refere ao trato com as senhoras. Antes os portugueses não consentiam que as esposas freqüentassem a sociedade e que as filhas aprendessem a ler e escrever. Em 1848

¹⁵ Publicada originalmente em Londres em 1863, “The Naturalist on the River Amazons”, tem como subtítulo: Um registro de aventura, hábitos de animais, esboços da vida brasileira e indígena e aspectos da natureza abaixo do Equador, durante 11 anos de viagem. Em 1944, a obra recebeu uma edição brasileira intitulada “O naturalista no rio Amazonas”. Henry Walter Bates foi um importante naturalista e sua pesquisa em solo brasileiro foi importante para a formulação da teoria da evolução de Charles Darwin.

as senhoras brasileiras mal começavam a emergir dessa posição inferior e os pais brasileiros estavam abrindo os olhos para as vantagens da educação das filhas.

Tais reformas são lentas.

Isto talvez seja devido à posição degradante sempre ocupada pelas mulheres, de modo que as relações entre os sexos estavam e ainda permanecem num pé pouco satisfatório, conservando-se a moralidade privada, no Brasil, em um nível muito baixo. Acredito que no Pará as coisas estejam melhorando. Antes, uma promiscuidade vergonhosa era a regra geral em todas as classes, e as intrigas e alcovitices constituíam a maior preocupação da maior parte da população. Não penso que tal estado de coisas seja uma necessidade, dependendo do clima e das instituições, pois residi em pequenas cidades do interior, onde os hábitos e o padrão de moralidade eram tão puros como em lugares semelhantes da Inglaterra (BATES, 1844, p.73, grifo nosso).

Se pensarmos a partir do que disse o naturalista inglês, as mudanças de sociabilidades, usos e costumes aconteceram de forma gradual em Belém. Porém, contrastando o olhar de Bates para os tempos da *belle époque*, podemos dizer que houve uma aceleração do processo de inserção das mulheres, assim como das próprias mudanças da cultura urbana então ocorridas. O conjunto de mudanças próprios desse momento impactou sobre a população, especialmente, as elites. Desse modo, ao longo da *belle époque* em Belém buscou-se a adoção de costumes europeus, em especial, franceses, ocasionando um “[...] profundo contraste com a realidade amazônica, além das tensões sociais geradas por uma nova ordem social capitalista emergente” (SARGES, 2010, p.33).

Com efeito, Belém, graças ao *boom* gomífero, passou a ser uma capital agitada no que diz respeito ao grande número de divertimentos disponíveis. Segundo Cruz, alguns clubes possuíam o monopólio da sociedade, quais sejam, a Real Tuna Luso Caixeiral, Club Universal, Sport Club e o Clube Internacional. Essas associações costumavam promover grandes bailes, “[...] aos quais compareciam as damas ostentando os mais ricos e bonitos vestidos, bem adornados de jóias a despertar a atenção e o respeito e as preferências dos seus pares. Eram reuniões inesquecíveis” (CRUZ, 1973, p. 426).

Os momentos de sociabilidades eram diversos, a vida social belenense do século XIX consistia, dentre outras atividades, em

[...] famílias reunindo-se à noite nas portas de suas residências, em grupos; os passeios pelas ruas e praças [...]; a ida ao Mercado; a participação dos moradores nas cerimônias religiosas; os passeios a cavalo pelas ruas da cidade; a ida ao Teatro; a visita aos arrabaldes (CRUZ, 1973, p. 91).

Os bailes faziam parte da programação de diversos eventos realizados pela cidade, inclusive do *Cyrio de Nazareth*¹⁶, pois “finda a reza o povo dispersava-se pelas adjacências, entregando-se a toda sorte de folguedos, tais como *bailes*, jogos, etc.” (KIDDER¹⁷, 1941 apud CRUZ, 1973, p. 263, grifo do autor). A realização do Círio causava grande euforia na sociedade belenense, como mostra “O Pará” quando do Círio de 1898,

Anda tudo n’uma róda n’esta elegante Belém. Armazens, casas de móda, criadas que vão e vêm, tudo anda em reboiço por causa d’este feitiço, d’este constante martyrio que tem o nome de *cyrio de Nazareth*, em que o povo se agglomera, - uns de carro, outros a pé, - para mostrar que venera a Excelsa Virgem Santa, n’uma devoção que encanta, cheia de crença e de fé.
Moças de elegante póрте, de ar gentil, triumphal, d’essas que dançam no *Sport*, no *Euterpe*, no *Universal*, cruzam-se ahi pelas ruas, cheias de rendas, de fitas, comprando coisas bonitas para as *toilettes* do cyrio [...] (O PARÁ, 09.10.1898, p. 1, grifos do jornal).

¹⁶ Sobre o tema, ver MATOS, Lucília da Silva. Belém em festa: a economia lúdica da fé no Círio de Nazaré. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica. Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. São Paulo, 2010.

¹⁷ “Daniel Parish Kidder esteve no Pará em 1839, tendo escrito e publicado um resumo fidedigno do que viu. Descreveu os hábitos da Província, as suas festas características, o caráter dos homens públicos, a tendência da população, de modo interessantíssimo” (CRUZ, 1973, p. 261). Em 1857 foi publicada a primeira edição do livro de Kidder e em 1941 a primeira e até então única versão em português, intitulado “O Brasil e os Brasileiros”.

Figura 1 – Anúncio da loja “Formosa Paraense”, fazendo referência ao Círio de Nazaré do ano de 1898.

Não ha mais desculpas !

pois, ninguem tem o direito de vestir-se sem o apuro e a elegancia da art moderna, depois que a

FORMOSA PARAENSE

estabeleceu o MONOPOLIO para a importação dos artigos de luxo que fazem actualmente as loucuras do mundo civilisado.

Conseguiu encerrar dentro das suas vitrines um *trecho d'essa decantada Paris*, para franqueal-a generosamente ao publico que a honra com a sua preferencia; e devemos convir que, para essa

Grandiosa exposiçáo

que vae marcar uma nova epocha nos annaes da *moda belémense*, não ha' occasião mais azada do que esta, em que entramos nos dominios da

FESTA DE N. S. DE NAZARETH

cuja imponencia e riqueza, só encontrarão competidora no fabuloso *stock* de mercadorias da

FORMOSA PARAENSE

Mercadorias de todos os *centros productores*, de *todas as especies de todos os gostos*, para todos os *preços*, accumulam-se em pilhas que assombam a imaginação no recinto do mais *sympathico* e acreditado de todos os nossos armazens de modas.

Não ha exaggero n'estas palavras; ao contrario : quem quer que visite este

Grandioso emporio de novidades

reconhecerá que estas expressões ainda estão longe da realidade, pois ainda nunca se viu n'esta capital um sortimento tão variado e completo como o da

FORMOSA PARAENSE

Fonte: Recorte extraído do periódico “O PARA”, do dia 07 de outubro de 1898, p. 4.

Essa dimensão de divertimentos e recreios, apresentada nas procissões religiosas, ou melhor, na programação das festas religiosas, que poderia ser externa a igreja, atrelada a associações, constituiu possibilidades de sociabilidades às mulheres, tendo em vista todos os contatos interpessoais provenientes desses acontecimentos, seja durante as idas ao mercado para comprar a roupa e acessórios que seriam utilizados na festa, seja durante o evento em si.

As festas carnavalescas também passavam por esse fluxo de preparações e euforia, nota-se nas publicações que tratam desses eventos o interesse pela presença feminina, já que, nos bailes realizados no teatro Chalet, as mulheres não precisam pagar a entrada, “[...] todas as senhoras durante os tres bailes do carnaval, tem ingresso franco, quer para ver os bailes quer para visitar o

estabelecimento” (O LIBERAL DO PARÁ, 15.02.1871, p. 3). Esse fato pode sinalizar um incentivo a ampliação das sociabilidades das mulheres belenenses.

Figura 2 – Anúncio do Theatro Chalet para os bailes do Carnaval.



Fonte: Recorte extraído do periódico “O LIBERAL DO PARÁ”, do dia 15 de fevereiro de 1871, p. 3.

Outro frequente divertimento na Belém da *belle époque* era a ida aos teatros, os integrantes das elites, “[...] para seu entretenimento, mandavam buscar companhias artísticas na França, em Portugal e Rio de Janeiro [...]” (SARGES, 2010, p. 113). Sobre uma apresentação realizada por uma companhia francesa no dia 03 de julho de 1870, o jornal “O Liberal do Pará” publicou: “O theatro *Chalet* estava literalmente cheio de espectadores, pertencentes á todos os circulos da sociedade paraense, e grande numero de senhoras davão realce á beleza do theatro” (O LIBERAL DO PARÁ, 05.07.1870, p. 1).

Figura 3 – Programação do Theatro Chalet, em francês.



Fonte: Recorte extraído do periódico “O LIBERAL DO PARÁ”, do dia 23 de julho de 1870, p. 2.

Os teatros tinham importante relevância no âmbito social da época, atraía a sociedade local e aproximava, mais ainda, França e Belém. A inauguração do *Theatro da Paz* foi um grande evento, realizada no dia 15 de fevereiro de 1878, mobilizando a população belenense, em especial, a elite. A lista de preços (Figura 4) referentes ao espetáculo de inauguração, seguida dos preços da segunda apresentação (alguns custando um terço do valor da primeira), evidenciam a qual público esse evento estava direcionado.

Figura 4 – Preços dos dois espetáculos de inauguração do Teatro da Paz.

Theatro N. S. da Paz.
Empreza Vicente.

O resto dos bilhetes para o espectáculo de inauguração está desde já á venda na Casa Havaneza, á rua dos Mercadores, onde tambem se entregam as encomendas, reservando se unicamente até quarta-feira 13 por tode o dia.

Preços para a recita de inauguração.

Camarotes de 1ª ordem....	25\$000
Ditos de 2ª.....	30\$000
Ditos de 3ª.....	20\$000
Ditos de 4ª.....	6\$000
Cadeiras.....	5\$000
Platéas.....	3\$000
Paraizos.....	1\$000

Recebem-se igualmente encommendas para a 2ª recita pelos preços ordinarios :

Camarotes de 1ª ordem....	8\$000
Ditos de 2ª.....	10\$000
Ditos de 3ª.....	6\$000
Ditos de 4ª.....	3\$000
Cadeiras.....	2\$000
Platéas.....	1\$000
Paraizos.....	\$500

O programma da inauguração será distribuido em avulso no dia do espectáculo.

Fonte: Recorte extraído do periódico “O LIBERAL DO PARÁ”, do dia 14 de fevereiro de 1878, p. 1.

O texto publicado pelo jornal “O Liberal do Pará” e escrito por José Veríssimo de Matos, destaca a presença de várias mulheres na inauguração do teatro,

As senhoras, as mais bellas e mais distinctas representantes do sexo amavel e amado, as divas do *high life* paraense, arrastavam pelo salão, com negligente elegancia, as longas caudas, os vestidos de seda côr de rosa ou azul claro, ou de velludo côr de sangue enfeitado de setim *gris perle*, e rendas valenciannes da mesma côr; ou ligeiramente encostadas ao balcão dos camarotes pegavam de leve binoculo de madreperola e passavam rigorosa revista critica ás *toilettes* das outras senhoras. [...] (O LIBERAL DO PARÁ, 17.02.1878, p. 1, grifos do jornal).

De acordo com Sarges, nos primeiros onze meses de atividade do teatro, ou seja, de fevereiro a dezembro de 1878, foram realizados cerca de 126 espetáculos, sendo que em função de tamanho “[...] *vaudeville*, surgem inúmeras casas de diversões, como o Café Chic, Café da Paz [...], Moulin Rouge, Chat Noir, Café Madri e Café Riche, este último considerado um dos principais centros da sociedade paraense” (SARGES, 2010, p. 113). Pode-se inferir que a ida aos teatros proporcionou momentos de convívio social relevantes às mulheres, seja pelo contato com as pessoas de outras famílias ou até mesmo pelo simples fato de serem vistas nesses espaços, já que, como destacou Sarges, em decorrência do maior movimento no Teatro da Paz, outros espaços dedicados à diversão foram criados.

De modo geral, para além do contexto da *belle époque* em Belém, embora incluindo-a, podemos pensar que os divertimentos e momentos de sociabilidade acarretaram

[...] uma invasão feminina dos espaços da cidade. Trata-se de um novo domínio, oriundo em grande parte do desenvolvimento urbano, no qual a mulher que a sociedade conservadora oitocentista segregara nas dimensões do privado, retorna às ruas para nelas despender seu tempo livre nas lojas, nos parques, nas casas de espetáculos, nos campos de esportes, nos salões dos clubes recreativos (TRINDADE, 1996, p. 112).

A partir da participação feminina nos ambientes destinados aos divertimentos e ao convívio social haverá uma aproximação entre as mulheres e as primeiras manifestações esportivas, bem como da constituição do esporte moderno em Belém do Pará. Esse fenômeno se mostrará importante ao conjunto de sociabilidades disponíveis, uma vez que as “[...] novas necessidades sociais [...] potencializam a visibilidade das mulheres no espaço urbano” (GOELLNER, 2003, p. 25). Em Belém do Pará, a visibilidade e participação das mulheres no universo das sociabilidades, quando pensadas pelo viés das práticas esportivas, como veremos a seguir, teve início com as mesmas sendo percebidas como meras espectadoras, cujo papel social era o de embelezar tais eventos.

3.2 “Bellas guajarinas”: mulheres belenenses e a constituição do esporte moderno

Trataremos, então, do papel da mulher belenense no que diz respeito às práticas então denominadas de esportivas em uma Belém das décadas finais do século XIX aos anos de 1910, mas que não se enquadram no sentido de esporte moderno, a partir do que pensam Norbert Elias e Eric Dunning (1992). Vale ressaltar que no entendimento dos autores o esporte se constitui como masculino em sua origem, ainda assim tomaremos como base seu texto a fim de realizar um paralelo com as práticas femininas que serão abordadas. Para tais autores, o esporte moderno tem sua origem na Inglaterra, tendo também origem inglesa o termo *sport*, sendo difundido para outros países principalmente a partir da segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. Para os autores, as regras que constituem o esporte moderno “[...] são muito detalhadas e diferenciadas; [...] não são regras forjadas no costume mas regras escritas, sujeitas explicitamente a um criticismo racional e a revisões” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 195). Dessa forma, o esporte moderno está atrelado a procedimentos sistemáticos, perpassando todo o processo no qual sua prática está inserida, e, ao longo de sua estruturação na sociedade, passou por significativas transformações, sendo amplamente difundido e valorizado.

Elias e Dunning afirmam que a prática esportiva é acompanhada de uma “[...] orientação no sentido da crescente seriedade, ou, em alternativa, no sentido da «ausência progressiva de espírito amador» no desporto, [e] é um processo social inevitável” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 300). As relações sociais que constituem o fenômeno esportivo e sua ampla possibilidade de representações estão associadas a inserção das mulheres nesse campo, tendo em mente que “[...] desportos e jogos são organizados e controlados, bem como observados e praticados, enquanto configurações sociais. [Encontram-se] intimamente entrelaçados, muitas vezes de forma complexa, com a estrutura da sociedade em geral [...]” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 302).

Pensemos então, nas práticas físicas ou de divertimento que, em certo sentido, antecedem ao esporte moderno, considerando uma Belém do Pará na transição do século XIX para o XX. Nos jornais pesquisados, as possibilidades de participação feminina em Belém no que diz respeito a um conjunto de práticas físicas que mais adiante, no fio do tempo, seria caracterizado como esporte moderno, de início, é caracterizada pelas mulheres retratadas como meras espectadoras dos eventos, cabendo a elas tornar tais momentos de sociabilidade mais graciosos e belos com a sua presença. Ainda nessa perspectiva, a participação feminina está estritamente

atrelada à prática masculina, ou seja, é a prática esportiva dos homens que propiciará os primeiros contatos das mulheres com as práticas físicas ou de divertimentos, algumas das quais, mais tarde, e aqui cabe reforçar, irão compor o quadro de atividades que se enquadram como esporte, no sentido moderno, atribuído por Elias e Dunning, aqui já mencionados. Para efeito de nossa pesquisa, estabelecemos a seguinte divisão temporal:

- a) Primórdios do esporte em Belém do Pará (década de 1870 aos anos iniciais de 1900);
- b) Início do esporte moderno em Belém do Pará (anos iniciais de 1900 até a década de 1910).

O primeiro recorte temporal é marcado por práticas que, embora à época fossem eventualmente chamadas de esporte, não se enquadram no sentido do esporte moderno, se considerarmos Elias e Dunning. O segundo recorte, é marcado por práticas que se aproximam de modo mais evidente ao que podemos chamar de esporte moderno. Vejamos como tais momentos se configuram.

3.2.1 Primórdios do esporte em Belém do Pará: o papel das mulheres (década de 1870 aos anos iniciais de 1900)

Analisando esse período, fica evidente que as mulheres ocupam meramente o papel de espectadoras do que chamaremos de primórdios do esporte em Belém do Pará. Mesmo apenas como espectadoras das competições dos homens, nota-se que as mulheres, ao cumprirem esse papel social, passam a ter o seu campo de sociabilidades aumentado, uma vez que circulam pelos locais das competições. A coluna esportiva do jornal “O Pará”, intitulada “Mundo Sportivo”, do dia 31 de dezembro de 1897, traz um breve relato sobre uma sessão de bilhar realizada na sede do Sport Club, entre um campeão francês e um “bilharista” paraense. Segundo o jornal, foi grande o número de espectadores, “[...] Enorme foi a concorrência. Entre os circunstantes, notava-se grande numero de senhoras e senhoritas” (O PARÁ, 31.12.1897, p. 1).

Outro evento bastante popular nesse período, as touradas, também contava com a participação feminina no papel de espectadoras. Já na inauguração do “Colyseu Paraense”¹⁸,

¹⁸ O “Colyseu Paraense” foi construído no largo da Batista Campos, ficando localizado na Rua Conselheiro Furtado com a rua São Vicente de Fóra (atual Avenida Serzedelo Côrrea) (VIEIRA, 2014; SARGES, 2008).

espaço destinada a realização das touradas¹⁹, ocorrida no dia 13 de maio de 1893, notava-se “[...] grande affluencia do sexo bello, apesar de não haver logares reservados para elle [...]” (CORREIO PARAENSE, 19.05.1893, p. 2). Na coluna que trazia o anúncio das touradas que seriam realizadas no dia 11 de junho seguido da programação completa, evidencia-se que “Havera’ logares especiais para familias” (O DEMOCRATA, 09.06.1893, p. 2). Algumas touradas tinham seu lucro destinado à instituições ou pessoas e esse aspecto era usado nos textos de divulgação desses eventos. Como vemos no trecho a seguir, publicado pelo jornal “O Pará”, o convite é destinado aos pais de famílias e, em especial, ao público feminino. Às mulheres fica claro o seu papel: abrilhantar o evento, enfeitá-lo com sua beleza e doçura.

Concorrei, corações bondosos, em beneficio dos Asylos Internacionaes Protectores da Infancia ao esplendido espectáculo que effectuar-se-á hoje, ás 3 1/2 horas da tarde, no Colyseu Paraense. E’ uma corrida de toiros. Ali exhibir-se-ão distinctos amadores. O espectáculo é muito agradável, mui divertido e portanto, pedimos aos paes de familias que honrem com as suas presenças e de suas exmas. familias esta festa, cujo fim é adquirir meios de protecção ás creanças.

E vós, senhoras, vós cujos corações são o emblema de tudo quanto ha de mais sublime, mais harmonioso e suave, vós que só com a vossa presença tanto abrilhantaes as festas a que compareis por causa da vossa belleza, da mimosidade do vosso rosto, da doçura da vossa voz, da meiguice do vosso olhar, em nome dos innocentes esta redacção vos pede compareçais (O PARÁ, 27.11.1898, p. 2).

Em outro momento, o periódico “O Jornal” traz um pequeno texto anunciando uma “toirada hespanhola” que viria a ser realizada no Colyseu Paraense, na qual “presidirão á festa, que é dedicada á imprensa de Belém, graciosas senhoritas” (O JORNAL, 14.11.1900, p. 2). Como observado, há uma preocupação em afirmar que haverá a presença das mulheres no evento, dando a entender que essa participação feminina é uma parte do espetáculo. Ademais, “Antecipando o que no século XX seriam os estádios esportivos, as arenas de touradas eram um grande teatro que permitia aos mais poderosos serem reconhecidos ao desfilar seus sinais de *status* e distinção” (MELO; ROCHA JUNIOR, 2016, p. 194).

Melo e Rocha Júnior, ao tratarem dos eventos tauromáquicos realizadas na Bahia do entre séculos XIX e XX, consideram essa prática cultural relevante para a constituição de novos comportamentos sociais provenientes da modernização das cidades. Outro aspecto considerado

¹⁹ Antes da inauguração do “Colyseu Paraense”, há registros de realização de touradas no hipódromo do Jockey Club Paraense (VIEIRA, 2014).

importante pelos autores é a contribuição das touradas “[...] para a distensão dos costumes, inclusive para as mulheres, que aos eventos tauromáquicos podiam comparecer, inaugurando uma experiência pública mais costumeira” (MELO; ROCHA JUNIOR, 2016, p. 208). Esses aspectos apontados pelos autores podem ser associados a prática das touradas na Belém da *belle époque*.

A partir das fontes, a presença das mulheres nesses eventos aponta o interesse pelas práticas esportivas da época, bem como reitera a crescente participação social feminina na Belém da *belle époque*. Entretanto, o esporte no sentido moderno ainda estava passando pelo processo de constituição, consolidando-se somente no século XX. No que diz respeito a caracterização das touradas como esporte, os autores já citados acima afirmam que

A própria forma de considerar as touradas foi variando. Inicialmente eram tidas, de forma generalizada, como entretenimento. Posteriormente, passaram a fazer parte das atividades cênicas. Conforme o teatro foi se tornando mais refinado, foram acolhidas no ‘guarda-chuva’ do esporte, de onde, por fim, foram expulsas quando preponderou um modelo de prática esportiva que valorizava noções de higiene e saúde (MELO; ROCHA JUNIOR, 2016, p. 208).

No que diz respeito ao turfe, as mulheres, geralmente, estavam acompanhadas de seus maridos e/ou pais, fazendo desses eventos um programa que envolvia todos os membros da família. O Jockey Club Paraense²⁰ era o principal promotor das corridas de cavalos, as quais eram realizadas várias vezes ao longo do ano, tendo uma grande regularidade na publicação de anúncios e resultados nos periódicos da época. Nos trechos a seguir, publicados pelo jornal “O Liberal do Pará”, encontramos alguns indícios da presença de mulheres no papel de espectadoras em algumas das corridas de cavalos realizadas no ano de 1889. De acordo com o periódico, as corridas do dia 21 de abril daquele ano, tiveram “[...] extraordinária concorrência, **mormente de senhoras**, e muita animação, acabando um pouco mais tarde pela chuva que cahio” (O LIBERAL DO PARÁ, 23.04.1889, p. 2, grifo nosso). Já as corridas do último domingo de julho, do mesmo ano, tiveram “[...] concorrência pequena, principalmente de senhoras” (O LIBERAL DO PARÁ, 30.07.1889, p. 2), o que sugere uma certa frequência do público feminino nas arquibancadas do Jockey Club Paraense. No mês de agosto, o jornal afirma que “[...] muito antes de principiarem

²⁰ O hipódromo do Jockey Club Paraense era localizado na Estrada de São João (atual Avenida Senador Lemos) com a Travessa do Curro (atual Djalma Dutra). A inauguração do hipódromo ocorreu no dia 16 de dezembro de 1888 (FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO, 2016). Disponível em <<https://fauufpa.org/2016/02/24/o-hipodromo-de-sao-joao/>>. Acesso em: 25 set. 2018.

as corridas estavam litteralmente cheias as archibancadas, **avultando o numero de senhoras**” (O LIBERAL DO PARÁ, 17.08.1889, p. 2, grifo nosso).

Cerca de um ano depois, o jornal “A Republica” evidencia novamente essa participação familiar em seu relato sobre as corridas de cavalos do Jockey Club realizadas no dia 17 de agosto de 1890. Entretanto, o destaque é fruto de um tumulto que ocorreu nas arquibancadas, importunando as famílias, bem como as senhoras presentes, e se apresentava como um protesto contra os maus costumes dos desordeiros.

Quando não fossem os cavalheiros respeitáveis que ali se achavam, aquelle **numero selecto de senhoras** devia merecere-lhe mais respeito, um pouco mais de atenção.

O acto do sr. Oscar foi logo reprovado por todos, mesmo pelos seus amigos, e as **familias** mostraram o seu desagrado, retirando-se incontinentemente do prado, sem esperar o fim da corrida, como é de costume; muito poucas pessoas esperaram o ultimo pareo [...] (A REPUBLICA, 19.08.1890, p. 2, grifos nossos).

A publicação relativa às primeiras corridas do ano de 1891, presente no periódico “O Democrata”, afirma que

Nas archibancadas, tanto geral como de socios, viam se, com toilets simples, mas elegantissimas, **muitas das mais gentis meninas da nossa sociedade**, as quaes, não poucas vezes deram vida e animação ao divertimento com seus applausos e palmas [...] (O DEMOCRATA, 13.01.1891, p. 1, grifo nosso).

Segundo o anúncio dos páreos que seriam realizados em 14 de junho de 1898 (Figura 5), “As senhoras e crianças têm ainda gratuitamente entrada nesta festa sportiva” (FOLHA DO NORTE, 13.06.1896, p. 3). Essa gratuidade na entrada para assistir às corridas pode indicar um incentivo à participação do público feminino e infantil.

Figura 5 – Anúncio e programação das corridas de cavalos do dia 14 de junho de 1896.

Jockey Club Paraense

Ficou prolongado até ás 7 horas da noite de segunda-feira, 15 do mez andante, o praso para a recepção de propostas para o arrendamento dos terrenos devolutos, no Prado em São João, que deveria encerrar se hoje, consoante foi anunciado.

Pa.á, 8 de junho de 1896.
D. Barreira,
Gerente.

Domingo, 14 de junho de 96—À's 2 horas

5.^a corrida ordinaria

(RESUMO DO PROGRAMMA)

Primeiro pareo—CONSOLAÇÃO—Em 800 metros.

<i>Esperança</i>	54	kilogrammas
<i>Puranga</i>	50	"
<i>Indio</i>	52	"
<i>Caramuri</i>	54	"

Segundo pareo—SUL AMERICA—Em 1.050 metros—(handicap de peso).

<i>Tupá</i>	55	kilogrammas
<i>Boreas</i>	—	"
<i>Rhadamés</i>	55	"

Terceiro pareo—ANIMAÇÃO—Em 1.027 metros

<i>Tenor</i>	54	kilogrammas
<i>Dom Quivote</i>	52	"
<i>Dollar</i>	54	"
<i>Claude</i>	54	"

Quarto pareo—DESAFIO—Em 1.200 metros

<i>Florêta</i>	55	kilogrammas
<i>Petropolis.</i>	55	"

Quinto pareo—THEODOZIO CHERMONT—Em 1.100 metros—(handicap de distancia)

<i>Lucas</i>	58	kilogrammas
<i>Fausto</i>	55	"
<i>Claide</i>	55	"
<i>Condór</i>	—	"

CONDOR dá 25 metros de avanço dos seus competidores.

—

As senhoras e crianças têm ainda gratuitamente entrada nesta festa sportiva.

—

Imposição rigorosa do codigo de corridas, quanto ás irregularidades praticados pelos jockeys.

AO PRADO!!

Fonte: Recorte extraído do periódico "FOLHA DO NORTE", do dia 13 de junho de 1896, p. 3.

Segundo Melo, pensando a cidade do Rio de Janeiro, então capital da República, um novo modelo de mulher se constituía naqueles tempos: uma mulher que se fazia presente na vida social. Assim, o turfe foi significativo nesse cenário, tendo sido “[...] uma das válvulas de participação social feminina, já que era considerado de caráter aristocrático e familiar. [...] Nas instalações e eventos turfísticos as mulheres estavam sempre presentes [...], desfilando seus vestidos de última moda” (MELO, 2007, p. 130).

As regatas festivas, surgidas nos anos de 1870, mereceram destaque dos jornais desde o primeiro evento. Essas práticas, no seu início, não podem ser caracterizadas sob a lógica do esporte moderno, mas foram importantes e podem ser consideradas como primórdios do que adiante configurar-se-á como a modalidade esportiva remo. De fato, as primeiras regatas se mantêm distantes do modelo esportivo que seria posteriormente adotado, sendo necessário considerar que “[...] a constituição do campo esportivo exige desse uma relativa autonomia de calendário [...]” (DIAS, 2015, p. 6). Essa autonomia se faz ausente na primeira regata realizada em Belém, no dia 11 de junho de 1876, a qual homenageava a vitória brasileira na Batalha de Riachuelo e foi promovida pelo “Club de Regatas” sendo o evento inaugural do clube. Mesmo afastado do esporte moderno, essa regata exhibe características do que posteriormente se tornaria o esporte náutico, tendo em vista o caráter de competição entre os participantes e a relativa organização das provas (DIAS, 2015).

Embora a presença das mulheres nessa regata fosse retratada apenas na perspectiva de espectadoras, com esse tipo de relato perdurando ao longo da década de 1870 e 1880, os textos também destacavam que o público feminino expressou interesse pela prática pois, após a distribuição dos prêmios, as fontes relatam que um “[...] grande numero de senhoras, das q’se achavam a bordo do ‘Belem’ se inscreveram para socias do Club de Regatas (O LIBERAL DO PARÁ, 10.09.1876, p. 2). Cerca de um ano após o registro anterior, encontramos outro relato referente à presença de mulheres como espectadoras de regatas, como aponta uma publicação referente à regata de 1877, a qual compareceram “[...] mulheres com seus elegantes vestuários, lindos chapéus e mais lindos rostos que se apinhavam em suas bordas” (O LIBERAL DO PARÁ, 23.11.1877, p. 1). Assim, a realização de regatas e a participação em clubes esportivos se apresentam como novas possibilidades de sociabilidades para as mulheres belenenses e de inserção na vida pública (DIAS, 2015), de modo que “[...] um novo perfil ‘esportivizado’ de

mulher começa a obter mais espaço, vai penetrando e abrindo espaço por entre as frestas sociais” (MELO, 2007, p. 141).

Na velocipedia, para usarmos o termo do tempo histórico, as espectadoras femininas também se faziam presentes, como mostra uma de nossas fontes ao relatar o evento que teria como páreo principal o “[...] *Campeonato do Pará*, que conferio ao vencedor o titulo de *Campeão* por um anno [...]” (FOLHA DO NORTE, 24.06.1896, p. 2, grifos do jornal), realizado na pista do Jockey Club, no dia 22 de junho de 1896. Nessa ocasião, diversas famílias da elite paraense assistiram às corridas e a presença das mulheres é evidenciada no trecho a seguir: “Delirante chegada em que mãos femininas não se recusaram a palmear o valente corredor que estabeleceu o *record* [...]” (FOLHA DO NORTE, 24.06.1896, p. 2, grifo do jornal). Sobre o tema, Schetino e Melo apresentam²¹ importantes indícios de mulheres cariocas realizando o ciclismo, entretanto, fora do âmbito da competição, sendo possível identificar semelhanças com cenário belenense. Segundo os autores, utilizar

[...] bicicletas já era possível, obviamente para as que pudessem pagar por essa, à época, cara diversão, mas não deveria ferir os valores de fragilidade, elegância e delicadeza atribuídos à condição feminina, algo bastante distinto das ideias exaltadas pelas práticas de competição, relacionadas à força, agilidade, velocidade. Nesse último caso, nos velódromos, as mulheres eram aceitas como público, não como competidoras (SCHETINO; MELO, 2009, p. 129).

Ainda sobre o evento citado acima, em publicação anterior, que tinha como objetivo divulgar as corridas do dia 22, o “Folha do Norte” informava que “[...] as senhoras terão entrada gratuita n’estas corridas, que terão o duplo fim de comemorar os anniversarios da promulgação da Constituição do Estado do Pará e da «Associação Dramatica, Recreativa e Beneficente» [...]” (FOLHA DO NORTE, 13.06.1896, p. 1), sinalizando o interesse dos organizadores em dispor da presença feminina durante o evento ciclístico. Cerca de um ano depois, novamente o público feminino é convidado a participar como espectador de outro evento ciclístico, sendo “[...] franca a entrada para as ex.^{mas} senhoras e [para] os cyclistas que se apresentarem montados em suas machinas” (FOLHA DO NORTE, 22.06.1897, p. 3).

Além de divulgações e resultados de corridas, o “Folha do Norte” também publicava em sua coluna esportiva orientações para manutenção das bicicletas, bem como notícias de eventos ciclísticos internacionais e, neste caso, frases de homens socialmente relevantes acerca do

²¹ SCHETINO, A.; MELO, V. A. A bicicleta, o ciclismo e as mulheres na transição dos séculos XIX e XX. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.17, n.1, p.111-34, 2009.

ciclismo. Para Pierre Giffard²², jornalista francês e defensor da prática do ciclismo, “[...] a velocipedia é mais alguma coisa que um sport, é um benefício social” (FOLHA DO NORTE, 22.02.1896, p. 2). De fato, ao levarmos em consideração a aproximação das mulheres belenenses com o ciclismo, mesmo que ainda como espectadoras, é possível afirmar a importância dessa prática para as sociabilidades urbanas no que diz respeito à inserção das mulheres. Identifica-se que os periódicos anunciavam a presença feminina nos eventos esportivos, nesse primeiro momento, evidenciando as feminilidades daquelas mulheres, mesmo que ocupando apenas poucas linhas. Com efeito, de acordo com as fontes pesquisadas, que muitas vezes insinuavam a presença de grande número de mulheres, o público feminino sempre se mostrava animado e atento aos acontecimentos. Sobre as corridas de bicicletas promovidas pelo Grupo Velocipedico da Associação Dramática, Recreativa e Beneficente no dia 16 de agosto de 1896, o jornal Folha do Norte declara: “Era extraordinária a animação no Prado e notava-se sobretudo a affluencia de senhoras da nossa melhor sociedade. Houve corridas em que o entusiasmo foi delirante [...]” (FOLHA DO NORTE, 18.08.1896, p. 2).

Mesmo com o pequeno espaço dedicado ao público feminino em tais eventos, é possível estabelecer reflexões acerca das lógicas sociais dos ambientes esportivos na Belém da *belle époque*. Nesse sentido, cabe considerar os cronistas, ou mesmo, o papel dos jornais, como mediadores culturais²³, sendo assim, possível afirmar que atribuir ares de espetáculo e grandiosidade aos eventos esportivos, fez parte de um processo que atribuiu e tornou relevante o esporte, no sentido moderno, enquanto integrante de uma nova cultura urbana nos tempos da *belle époque*. Assim entendido tal processo, mesmo que as mulheres fossem apenas espectadoras, as mesmas acabavam sendo importantes dentro desse contexto que passou a considerar as práticas esportivas como espetáculo.

Assim como nas demais sociabilidades apontadas na primeira parte desse capítulo, a presença das mulheres belenenses como plateia das práticas esportivas realizadas na capital era incentivada pelo caráter “alegórico” destinado a elas. Os textos publicados nos periódicos costumavam destacar a beleza e graciosidade feminina que as mulheres representavam durante esses eventos, seguindo assim as mesmas características presentes na inserção feminina nas

²² Jornalista francês, autor do livro *La Fin du Cheval* (1899).

²³ Sobre o tema, ver Ortiz, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 5ª. Ed. 2006.

demais sociabilidades. Ainda assim, essa participação na condição de espectadoras pode ser considerada uma porta de entrada para a prática esportiva feminina.

3.2.2 Início do esporte moderno em Belém do Pará (anos iniciais de 1900 até a década de 1910)

A aproximação das mulheres às práticas físicas e esportivas, fruto das novas dinâmicas sociais presentes na Belém da *belle époque*, inicialmente, apenas como espectadoras, começa a adquirir um novo perfil na transição para o século XX, mudança essa que fica mais evidente nos anos de 1910. Assim, de espectadoras as mulheres passaram a ser competidoras, ou, de certo modo, atletas. Noutros termos, e pensando a realidade da cidade do Rio de Janeiro do entre séculos, o que pode ser articulado à Belém da *belle époque*, “[...] não se deve deixar de considerar que tal envolvimento representa um avanço nos costumes, um claro sinal de distensão, e certamente ponto de partida para que, anos mais tarde, as mulheres conquistassem também seu espaço como atletas nas competições esportivas” (SCHETINO; MELO, 2009, p. 131). Com efeito, podemos categorizar as práticas esportivas praticadas por mulheres em Belém em dois grupos: 1- Práticas esporádicas, com algumas modalidades que aparentemente não tiveram continuidade em Belém, quer fosse por mulheres ou por homens; 2- Práticas recorrentes, mais especificamente, ciclismo e regatas. Passemos então a analisar tais categorias.

3.2.2.1 Mulheres belenenses e práticas esportivas de caráter esporádico: *croquet*, patinação, tiro ao alvo, natação, ginástica e futebol

Em uma Belém do entre séculos era comum os clubes esportivos ou sociais promoverem festivais, grandes momentos de sociabilidades que mobilizavam boa parte da população, notadamente, as elites. Esses festivais incluíam práticas físicas e divertimentos, bem como o que já poderia ser considerado esporte moderno, no sentido de Elias e Dunning (1992), mesmo que ainda de forma esboçada. Os clubes paraenses organizavam programações que poderiam se estender durante todo o dia, como é o caso das atividades realizadas no dia 06 de junho de 1897 na sede do *Sport Club*, “[...] se reuniu a flor fina de seus associados, e o mais **crecido numero de senhoras** que ha ornamentado com a sua graciosa presença as bellas diversões do club” (FOLHA DO NORTE, 07.06.1897, p. 2, grifo nosso). Dentre as diversões propostas pelo clube,

as mulheres participaram de uma partida de *croquet*²⁴, na qual, segundo o texto publicado no “Folha do Norte”, houve uma premiação ao fim da atividade.

Na partida de *croquet*, por senhoras, que ocorreu renhida e divertidíssima, organizaram-se dous partidos-azul e encarnado, vencendo este, com empate entre duas combatentes de ambos os partidos, cabendo os premios ás m.^{elles} Sarah Guamá, Izaura Guamá, Thereza Borges Ferreira e Alice Guamá [...]” (FOLHA DO NORTE, 07.06.1897, p. 2, grifo do jornal).

Nesse trecho é clara a participação feminina direta nessa modalidade, sendo possível visualizar uma relação com o esporte moderno, já que houve uma competição bem demarcada e um momento de premiação, além de sugerir que esse esporte já havia sido praticado anteriormente pelas mulheres citadas. Anos mais tarde, em 1912, é possível identificar a presença do *croquet* na programação de um “sarau ao ar livre” que seria realizado pelo *Sport Club* na noite do dia 29 de junho daquele ano, além de vários outros jogos “[...] tanto para senhoritas como para rapazes” (A PROVINCIA DO PARÁ, 26.06.1912, p. 3). Nesse sentido, a organização do evento decidiu “[...] que, para o fim de se exercitarem todas a senhoritas desejosas de concorrerem de *croquet* e *patins*, fique a sua disposição, todas as noites, o grande e lindo parque do Sport Club que se conservará fartamente illuminado” (A PROVINCIA DO PARÁ, 26.06.1912, p. 3). É possível perceber uma certa preocupação com a preparação das participantes antes do dia das partidas, entretanto esse “[...] exercício corporal deveria atuar em prol do seu revigoroamento sem lhe destituir a harmonia das formas, a beleza e a graciosidade” (GOELLNER, 2008, p. 14).

Além do *croquet*, o texto apresentado anteriormente trata também do “[...] melhor e mais elegante dos generos: a patinagem. Varios rapazes do nosso meio, aos quaes já vão acompanhando graciosas *demoiselles* paraenses, iniciaram ha mezes o cultivo d’esse magnifico *sport* [...]” (A PROVINCIA DO PARÁ, 17.03.1912, p. 1). A partir desses dois registros podemos afirmar que as mulheres praticavam a patinação, entretanto em um evento destinado a essa prática, no qual houve a realização de nove páreos, nenhum páreo foi destinado a elas. De modo que, apesar de praticarem essa atividade, as mulheres estiveram presentes como

²⁴ Croquet ou croquet é um jogo praticado em um campo gramado, com possível origem na Irlanda, que não chegou a ser popular no Brasil, sendo mais praticado na Inglaterra durante o século XIX. Basicamente, o jogo consiste em golpear bolas de madeira ou plástico com um taco ou martelo em direção a arcos fixados no gramado, tendo diversos objetivos diferentes durante o jogo.

espectadoras, para “[...] apreciar os denodados patinadores [...]” (A PROVINCIA DO PARÁ, 24.03.1912, p. 1).

Nesse sentido, a prática de atividade física para as mulheres, geralmente, apresenta o papel de “[...] modelar o corpo feminino desenhando sobre ele novos contornos onde a harmonia corporal, a graça, a doçura e a delicadeza devem ser preservadas” (GOELLNER, 2008, p. 16). Mesmo quando há a presença do caráter competitivo nessas práticas, segundo as publicações pesquisadas, o olhar dado às mulheres preserva as características citadas por Goellner, sempre ressaltando a feminilidade e a gentileza supostamente inerentes à mulher.

Entre as páginas do periódico “A Província do Pará” encontramos diversas vezes a divulgação de “festivais sportivos”, principalmente realizados pelo Sport Club. Os textos publicados parecem incentivar a participação das mulheres, incluindo nas programações alguns jogos “[...] para todas as meninas que desejarem concorrer [...]” (A PROVINCIA DO PARÁ, 09.06.1912, p. 3). Contudo, nesses eventos há uma ênfase em jogos e atividades que não teriam as características essenciais para serem consideradas esporte no sentido adotado por Elias e Dunning (1992).

É possível identificar no texto publicado em 09 de junho de 1912, no periódico citado acima, as seguintes atividades e jogos que seriam desenvolvidas na tarde daquele dia: corrida dos ovos, needle race (corrida, enfiando linha em agulhas), corrida das aves, bottle race (entre garrafas) e corridas de cordas. Nessas atividades, algumas contariam com a participação exclusiva de mulheres e outras seriam realizadas por duplas constituídas por uma mulher e um homem (A PROVINCIA DO PARÁ, 09.06.1912, p. 3). Diante disso, podemos pressupor um crescente interesse por parte das mulheres belenenses na realização de atividades físicas e divertimentos ao ar livre, tendo em vista a possibilidade de realizar atividades com concorrência exclusiva de mulheres naquele momento, bem como um maior cotidiano urbano e uma ampliação das sociabilidades femininas.

Apesar dessa maximização na participação feminina na prática de atividades e exercícios físicos, algumas publicações desencorajavam essa presença, como é possível identificar no texto

publicado em novembro de 1911, que trata do livro intitulado “A arte de ser bonita” de Lina Cavaliéri²⁵. De acordo com a publicação, Lina Cavaliéri recomenda:

Nunca uma senhora se deve fatigar. [...] não são para as senhoras bonitas os trabalhos difficeis, os estudos complicados, assim como não contribuem para a beleza os *sports*. O único *sport* permitido e até aconselhado é andar [...]. Este exercicio não deixa engordar e evitará os olhos pisados, dando bôas côres. (A PROVINCIA DO PARÁ, 28.11.1911, p. 1, grifos do jornal).

Podemos perceber por esse trecho a preocupação com dois problemas relativos à questão física da mulher, ou ainda, à sua aparência: a mulher ser gorda ou ter olheiras. Assim, entendendo que ser gorda passa a ser um problema antes inexistente - basta ver o que Gilberto Freyre destacou como o perfil da mulher brasileira (conforme já apresentado em nosso TCC) -, o texto indica que as mulheres devem fazer caminhadas, deixando de lado a prática de esportes porque esses seriam desgastantes e, uma vez cansadas, as mulheres ficariam com olheiras, ou, nos termos apresentados, ficariam com os “olhos pisados”. Entendemos que tal publicação, embora apresente elementos novos, mantém a ideia central de que caberia às mulheres serem belas, cuidarem de sua parte estética, agora, incluindo a prática física, mas só aquela que não colocasse em risco sua beleza.

Ainda nesse sentido, um extenso texto publicado em abril de 1896, intitulado “A mulher do seculo XX”, apresenta, com um certo tom de protesto, as diversas mudanças pelas quais a mulher passou no século XIX e pelas quais passará no século XX. Segundo o texto,

[...] a mulher por demais culta é sempre aquella que mais facilmente esquece a sua missão. [...] Não seria nada, se a mulher do futuro se contentasse com ser simplesmente e puramente litterata... Como deixamos dito, pretende [...] fazer viagens de *sport* aos Alpes, ha de ocupar-se de moda, de cyclismo e de esgrima... Eis emancipadas as mulheres!... Estranho amphibio do sexo e da natureza, [...] querem apparecer n’um terreno que não é o seu e reclamar as luctas, as honras e as glorias d’um mundo, o qual até agora não haviam sido senão... mulheres! (FOLHA DO NORTE, 14.04.1896, p. 1).

Mesmo com esse tipo publicação, tendo como objetivo desencorajar a participação e atuação das mulheres na sociedade do entre séculos XIX e XX, a presente pesquisa evidencia a participação feminina na sociedade belenense desse período através das atividades físicas e do esporte, que

²⁵ Cantora de ópera italiana e atriz de cinema. Era considerada uma das mais belas mulheres de seu tempo e escreveu uma coluna sobre beleza em uma revista feminina. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lina_Cavaliéri>. Acesso em: 17 jul. 2018.

[...] não encarna somente a renovação das representações do corpo, encarna uma renovação mais ampla da cultura, [...] uma visão sempre mais democratizada das trocas e da sociabilidade. Ele faz esse corpo participar, até nos seus investimentos mais íntimos, daquilo que parece, já no começo do século XX, uma renovação do futuro" (VIGARELLO; HOLT, 2012, p. 477-478).

A ampliação das sociabilidades femininas é evidenciada nos trechos dos jornais apresentados durante o trabalho. Podemos confirmar uma crescente participação das mulheres em eventos esportivos e práticas físicas em geral. Nesse sentido, o registro da realização de um “torneio sportivo” na sede do Sport Club do Pará, em agosto de 1908, principalmente destinado às mulheres, reafirma essa progressiva presença nesse tipo de sociabilidade. Segundo o cronista, “[...] nossos olhos tiveram a agradabilíssima impressão de um incentivante e bello **torneio feminino**, onde um bando garrulo de gentis senhoritas, como revoada alegre de passaros, espalhava por toda parte a graça original e encantadora das bellas guajarinas” (A PROVINCIA DO PARÁ, 24.08.1908, p. 3). Nesse torneio, o texto publicado cita o nome de oito mulheres que “[...] se entretinham alegremente em executar o *tennis*, o *boliche*, o *criquet*, o *bilhar* ou a *dança*; acompanhadas de um grupo de rapazes [...]” (A PROVINCIA DO PARÁ, 24.08.1908, p. 3). Mesmo em um torneio promovido exclusivamente para a participação feminina, ainda fica evidente, pelo olhar da publicação e das mentalidades da época, que o destaque dado às mulheres atletas continua a ser relativo às qualidades como beleza e graciosidade. Consideramos que esse tipo de olhar reforça uma imagem do olhar masculino sobre a mulher, delegando a ela, mulher atleta, um papel social dentro daquela cultura urbana então construída, de certo modo, inferior ao do homem atleta, uma vez que aspectos ligados ao rendimento, aos resultados e dinâmica da prática esportiva, por exemplo, não eram abordados.

A realização de diversas atividades físicas e esportes era uma das principais características desses torneios esportivos organizados em alguns *clubs* de Belém, possibilitando a experimentação de diversas práticas físicas pelas mulheres. A partir dessas novas vivências femininas, instituiu-se uma preocupação com a aparência, através de uma nova representação do corpo, e um maior contato com os ambientes ao ar livre, fruto de um novo pensamento urbano, que possui uma relação de proximidade com a natureza e com a vida ao ar livre (DIAS, 2014; VIGARELLO, 2011).

Outra prática feminina identificada no decorrer da pesquisa foi o tiro ao alvo, o qual parece ter tido grande aceitação pelas mulheres belenenses principalmente na primeira década do século XX. Na programação de um *festival sportivo* que seria realizado pelo Sport Club no dia 03

de outubro de 1909 “[...] consta uma prova de tiro reduzido, para *demoiselles* do nosso scol social [...]” (A PROVINCIA DO PARÁ, 19.09.1909, p. 3). Cerca de dois anos antes, em 1907, realizou-se um torneio de tiro ao alvo, que, segundo o texto publicado pelo jornal A Província do Pará, seria destinado a mulheres e com programação para treinos em várias noites. “Hoje, á noite, as senhoritas inscriptas no torneio de tiro ao alvo, que a Real Tuna levará a effeito na noite de 24 do corrente, farão exercicios” (A PROVINCIA DO PARÁ, 18.08.1907, p. 3). Segundo outra publicação, nesse torneio “de tiro ao alvo que será disputado na Tuna Luso Caixeiral [...] estão inscriptas innumeradas senhoritas [...]. Os ensaios de tiro ao alvo serão feitos de hoje até sexta-feira, todas as noites, das 8 ás 10” (A PROVINCIA DO PARÁ, 20.08.1907, p. 3).

O torneio citado acima apresenta características que podem enquadrar o tiro ao alvo praticado nesse evento na definição de esporte moderno. Tendo em vista a organização presente desde a fase da inscrição, com prazos pré-definidos, o controle externo exercido pelos dirigentes ou juizes, o caráter competitivo, a participação de duas ou mais competidoras e, geralmente, a presença de espectadores (ELIAS; DUNNING, 1992).

Além disso, os textos evidenciam o interesse das mulheres por esse esporte, tendo em vista o grande número de inscrições indicada pela publicação, bem como a realização de treinos com o intuito de preparar as concorrentes para o dia do torneio. Encontramos um texto que sugere um investimento nessa prática por parte da Tuna Luso Caixeiral, segundo o qual “a sociedade acaba de receber novas espingardas apropriadas a esses torneios, nos quaes poderão tomar parte as senhoras que frequentam aquelle gremio” (A PROVINCIA DO PARÁ, 22.03.1908, p. 3).

Ainda sobre a prática de tiro ao alvo, na inauguração do stand de tiros do Grupo de Atiradores Civis do Pará,

Os primeiros disparos alli effectuados couberam ás senhoritas [...], que, não obstante a commoção natural n’essas occasiões, fôram verdadeiramente merecedoras dos applausos a ellas conferidos ao terminarem as suas séries de 10 tiros cada uma, na distancia de 50 metros” (A PROVINCIA DO PARÁ, 16.09.1907, p. 3).

Todos os trechos reafirmam o que já foi dito, o interesse feminino pela prática de tiro ao alvo era expressivo e se apresenta como um importante momento de sociabilidade às mulheres que buscavam esse esporte. No entanto, Victor Melo afirma que nessa modalidade,

[...] a aceitação das mulheres como praticantes estava relacionada ao fato de que eram concebidas como parte da educação das moças das elites, consideradas importantes em função de que deveriam desenvolver certas habilidades que lhes permitissem desempenhar bem os novos papéis sociais delas esperados. Além

disso, eram encaradas como sinais de *status* e distinção, marcas de classe social (MELO, 2007, p. 142, grifo do autor).

Diante desse pensamento, segundo o autor, encontramos a prática esportiva feminina atrelada ao papel da mulher na sociedade. Contudo, não foi possível identificar nos trechos encontrados durante a pesquisa essa característica utilitária apontada pelo autor, o que pode ser explicado pela diferença entre os periódicos consultados, já que a pesquisa do mesmo foi realizada a partir dos periódicos da cidade do Rio de Janeiro. Ademais, tanto na pesquisa de Victor Melo quanto na presente pesquisa, as mulheres das elites são as que aparecem nas páginas dos periódicos da época, ainda que em menor proporção se comparado aos homens.

Também foi possível identificar nos periódicos a realização de aulas de natação desenvolvidas pelas associações que teriam mulheres presentes, tanto como praticantes quanto como instrutoras/professoras. Segundo o texto publicado no jornal Estado do Pará, a Associação Dramatica Recreativa,

[...] essa decana das sociedades sportivas, no dia da inauguração de sua nova séde, vae iniciar tambem os exercicios de suas secções feminina e infantil.

[...] A secção feminina está a cargo de duas distinctas senhoritas da nossa elite, nomes em destaque na nossa sociedade e pertencentes a conceituadas familias e que por alguns annos residiram na Europa onde obedeceram a escola dos exercicios phisicos que tanto aformoseam, dão vida e saude.

Que sejam seguidos os seus exemplos.

(ESTADO DO PARÁ, 09.05.1919, p. 3).

Em publicação posterior, a diretoria da associação

[...] avisa aos associados que se acha aberta na secretaria a inscrição para as secções infantil e feminina. Têm direito a inscrição os filhos e irmãos de associados.

A secção [...] feminina será dirigida por duas senhoritas de nosso escól com pratica de natação e remo na Allemanha e na Inglaterra.

Logo que sejam concluidas as obras das novas installações, paralysadas pela gréve dos operarios, terão inicio os exercicios.

(ESTADO DO PARÁ, 11.05.1919, p. 3).

Os dois trechos apresentados acima evidenciam a ida de mulheres da elite belenense a Europa, a fim de obterem formação, incluindo exercícios físicos. Com o retorno a Belém, essas mulheres assumem o papel de instrutoras, nesse caso, de natação. Como já tratado nesse trabalho, a elite belenense, proveniente principalmente da exportação de borracha, mantinha um contato direto com a Europa, enviando seus filhos e filhas, seja para estudo ou passeio, proporcionando

assim uma europeização dos costumes, inclusive no que diz respeito à implantação de práticas físicas e da ginástica, bem como dos esportes em Belém.

Após a inauguração da nova sede, os textos publicados avisam sobre o dia e horário das aulas, as quais eram realizadas aos domingos, sem menção de aula em outro dia da semana. De acordo com a publicação,

Os instructores de natação desta conceituada collectividade previnem aos seus agremiados, que pretendam aprender a nadar, sem o receio de qualquer desastre, que hoje [domingo], das 2 ás 6 1|2 horas da tarde, haverá agua sufficiente na piscina da sociedade, onde todos poderão iniciar-se na pratica de tão util como salutar exercicio.

Os menores de **ambos os sexos**, filhos ou tutelados dos senhores socios, tambem poderão aproveitar as licções que os respectivos instructores ministrarão a todos quantos se apresentarem durante as horas indicadas.
(ESTADO DO PARÁ, 17.08.1919, p. 4, grifo nosso).

Pouco mais de uma semana depois, a Associação Recreativa faz novo convite aos interessados nas aulas de natação, “os instructores de natação desta conceituada sociedade, estarão ao dispor dos agremiados e seus filhos menores, de **ambos os sexos**, que queiram aprender a nadar sem receio de qualquer perigo, no proximo domingo [...]” (ESTADO DO PARÁ, 28.08.1919, p. 4). Os periódicos pesquisados indicam a participação de mulheres na prática de natação, tendo em vista que, no período do entre séculos, foi uma “[...] prática comum em escolas e clubes, mas não na forma competitiva” (DIAS, 2014, p. 367).

“A esportivização do nado, de fato, se concretizou em 1916, após o surgimento da ‘Federação Paraense dos Sports Nauticos’ e da consequente realização do primeiro campeonato de natação em Belém” (DIAS, 2014, p. 443). Entretanto, de acordo com as fontes pesquisadas, as mulheres não estavam presentes como competidoras nesses eventos, cenário similar ao que ocorreu, por exemplo, com a patinação, tratada anteriormente, e com o ciclismo, que será tratado posteriormente.

A prática de ginástica aparece nas fontes como uma atividade voltada às crianças, tanto meninos quanto meninas, e “[...] afirma-se como parte significativa dos novos códigos de civilidade [...]” (SOARES, 2005, p. 17). A diretoria do Sport Club do Pará lança um comunicado sobre a inscrição para a realização de “[...] sports infantis. [...] serão admitidas creanças de seis a quinze annos. [...] O programma será iniciado com a gymnastica ao ar livre [...]. As aulas serão alternadas, 3 dias para meninos e 3 dias para meninas [...]” (ESTADO DO PARÁ, 01.03.1918, p. 4). Esse trecho trata da realização “sports infantis”, contudo não expõe as outras possíveis

atividades que viriam a ser desenvolvidas além da ginástica. Em outro momento é publicado um texto que também trata dessa atividade, a qual já estaria sendo desenvolvida há cerca de um mês e “sem embargo dos poucos exercícios que as turmas de meninos e meninas têm tido já é de notar o grande progresso que as mesmas demonstraram [...]” (ESTADO DO PARÁ, 26.03.1918, p. 4).

É possível identificar um esforço em educar o corpo desde a infância, nesse caso, através da ginástica e em turmas separadas para meninos e meninas, tendo em vista a delimitação dos papéis a serem exercidos na sociedade de acordo com o sexo. Assim,

Impelir os sujeitos à atividade física era uma necessidade, no entanto, deveriam ser resguardadas as especificidades da 'natureza' dos corpos que, por serem considerados como distintos, reclamavam práticas diferenciadas. Educar para a imposição física equilibrada era a finalidade do trabalho muscular destinado aos homens brancos; exercitar os corpos para suportar os desígnios maternais era a missão reservada às mulheres brancas (GOELLNER, 2008, p. 13).

A partir da prática da ginástica, a educação do corpo destinada a essas crianças passa a impor “[...] regras claras e precisas que insistem em apagar um corpo para que outro, expressão de um tipo de civilização, possa surgir” (SOARES, 2010, p. 33).

Por fim, falaremos do futebol, entretanto não encontramos nas fontes as mulheres praticando esse esporte, quer seja como forma de divertimento ou em competições. Tendo em mente os preceitos do período estudado, é ao mundo

[...] masculino que se designa o futebol. Os argumentos contrários à participação da mulher nesta modalidade esportiva explicitam que, além de ser rude, o futebol requer um nível apurado de preparação física e técnica, cuja prática pode ferir o corpo feminino, principalmente no que diz respeito a sua saúde reprodutiva e ao seu aspecto estético (GOELLNER, 2003, p. 75).

Nesse sentido, a prática do futebol era desaconselhada às mulheres. Ainda assim, parece existir um interesse do público feminino por esse esporte, pois identificamos nos registros de um festival esportivo realizado pelo Paysandú Sport Club a presença de uma mulher como árbitra de uma partida de futebol. De acordo com a publicação que divulgava o evento, “o magnifico programma [...] garantirá, bastando adiantar que, pela primeira vez uma nossa gentil patricia arbitrará na sua imparcialidade feminina um animado encontro entre o Paysandu’ e o Remo” (ESTADO DO PARÁ, 10.05.1919, p. 4). A programação traz diversas provas de atletismo e algumas outras atividades, porém a participação feminina se restringiu ao papel de espectadoras, a entrega dos prêmios aos competidores vencedores e, nesse caso em específico, a arbitragem de um dos jogos realizados, o “[...] match de football entre os teams Arranca Toco (Club do Remo)

e Tira-Teima (Paysandu’), **arbitrado pela distinta senhorita Fernanda Mello**” (ESTADO DO PARÁ, 11.05.1919, p. 3, grifo nosso).

De acordo com a publicação dos resultados do festival esportivo,

O Arranca Toco venceu ao Tira Teima por 3 goal a 0. Este match foi arbitrado pela graciosa senhorita Fernanda Mello, que revelou bastante conhecimento do “association” actuando com muito criterio, imparcialidade e justiça, melhor mesmo que muitos referces officiaes do quadro da L. P. S. T.

[...]

Pelas senhoras Ophir Loyola, Xavier Bezerra Cavalcante, Pinto Guimarães e José Bello e pela senhorita Lucia Dias Teixeira, foram entregues aos vencedores os premios offerecidos (ESTADO DO PARÁ, 12.05.1919, p. 2).

Como foi observado nas fontes, o jogo arbitrado por Fernanda Mello não parece ter sido a partida de futebol principal do festival. Após o jogo entre os times intitulados “Arranca Toco” e “Tira Teima”, ocorreu uma partida entre os times principais do Paysandú e do Banco Ultramarino. Ademais, em texto publicado alguns dias depois, elogia-se a presença de uma mulher arbitrando o jogo, sem, no entanto, deixar de evidenciar a delicadeza e feminilidade da mesma. Vejamos:

[...] De tal programma, podemos salientar como o ‘clou’, o impagavel ‘match’ de football entre so’ não menos comicos ‘teams’ do ‘Arranca Toco’ e ‘Tira Teima’, conjunctos excessivamente disciplinados e de cujo elenco muito se admiraram os ‘hercules’ footballers.

No entretanto, antepondo ao gracejoso ‘match’ havia um signal superior, a nota mais palpitante, e que somente coube ao glorioso Paysandu’ pol-a em pratica, arrancando milhares de applausos e sentimentos gratos, pela maneira brilhante por que ella se nos mostrou. Se tudo daquella festa não tivesse valor, se tudo fosse frio e mal disputado, bastava então esse significativo lance para esmagar de prompto a sua critica.

E’ que apparecera em campo, deante de toda a assistencia admirada, o **perfil encantador** de uma **gentilissima senhorita** que, a par de toda a sua **beleza e encanto**, era revestida de um poder indeclinavel, mantendo pela **suavidade** do signal partido de seus desabrochantes labios, a disciplina e a harmonia da disputa em que 22 homens arregimentados, eram presos exclusivamente pela sua fragil vontade.

Entreabrira-se risonhamente aquelle pedaço de tempo marcado no campo, pelo relógio da **encantadora demoiselle**, e nas archibancadas, pelo descompassado tic-tac de muitos corações!...

Era o apojeu da bella festa do querido club de Baptista Campos, a sua coroa de louros inmarcessiveis, tecida pela propria mão da mulher paraense, da sua admiradora inconteste, representada pela **virginal beleza** de mlle. Fernanda Mello.

Exemplo dignificante apresentado em publico e que devera ser tomado acertadamente, abrindo-se de par em par as portas de uma nova escola original, em que as nossas distinctissimas patricias, as mais destemidas torcedoras, fariam o curso regular de arbitragem, ensinadas por ‘sportsmen’ mestres, indo realizar

as aulas praticas nos vastos ‘grounds’ em que a relva verde molhada espelharia com o reflexo dos raios solares tão insinuantes silhuetas!
 Mas, [...] em meio ao desenrolar da pugna, ouvi [...]: ‘o referce não corre... está no mesmo lugar!!!’ [...] (ESTADO DO PARÁ, 14.05.1919, p. 2, grifos nossos).

O texto, além de apresentar a grande novidade de se ter uma mulher arbitrando um jogo de futebol, reafirma a feminilidade inerente às mulheres, destacando principalmente os atributos físicos da árbitra. Apesar disso, o cronista apresenta a possibilidade de ampliar o número de mulheres que arbitriariam jogos de futebol, propondo participarem do curso para esse fim. Identifica-se também, nas linhas finais do texto, o descontentamento em não haver grande locomoção da árbitra, o que sugere que a mesma não realizou esforço físico significativo.

A presença das mulheres se amplia nas mais diferentes instâncias e, como visualizado até aqui, nas mais distintas práticas físicas e esportivas, diversificando-se também as formas de controle destinadas a elas. Desse modo, os discursos que reafirmam os padrões historicamente atribuídos ao sexo feminino precedem a configuração de um projeto efetivo de emancipação feminina (GOELLNER, 2003).

3.3.2.2 Mulheres belenenses e práticas esportivas de caráter recorrente: ciclismo e regatas

Atrelada a esse novo contexto de vertiginosa modernidade, as bicicletas estavam cada vez mais presentes na cidade. De acordo com as fontes, havia em Belém grande número de praticantes do ciclismo – ou velocipedia –, como é evidenciado no seguinte trecho: “O Pará tem 600 cyclistas, ha cerca de cinco ou seis annos que se monta em bicycleta [...]” (O PARÁ, 17.12.1897, p. 2). Infelizmente, esse dado não se apresenta detalhado e não se pode inferir de que modo foi constatado. Porém, pode-se afirmar que a prática do ciclismo era popular e o número de pessoas adeptas parece crescer com o avançar da pesquisa, tendo em vista a adesão de novos e novas ciclistas publicados nos jornais da época.

Encontramos algumas publicações exaltando novos e novas praticantes do ciclismo, como é o caso da coluna esportiva do jornal “O Pará” do dia 17 de dezembro de 1897. O trecho apresenta à sociedade três novos ciclistas, “o presidente do Sport Club do Pará [...] sua filha a exma. Sra. D. Lalá White e seu genro o sr. Th. White [...]” (O PARÁ, 17.12.1897, p. 2). A presença de uma mulher entre esses novos praticantes pode sugerir um ingresso feminino condicionado a participação masculina, nesse caso, o pai e o marido da nova ciclista, semelhante

ao processo de inserção nas outras formas de sociabilidades. A participação feminina no ciclismo é carregada de divergências, por um lado é celebrada, pois apresenta a beleza da modernidade na sociedade, por outro é contestada, vista como um ataque ao pudor (SCHETINO; MELO, 2009).

Apesar das contradições envolvendo a prática do ciclismo por mulheres, as belenenses da *belle époque* estavam bem envolvidas nos passeios ciclísticos realizados na capital. Esses passeios mobilizavam grande número de pessoas, como mostra o trecho a seguir:

A's cinco horas e até antes, no largo da Polvora já se achavam muitos cyclistas. [...] Em breve não é por um, é por dezenas que devem contar-se. Soam de toda a parte rasgando a hesitação luminosa da manhã, toques de timbre e toques de sineta.

Um grupo chega da cidade velha, numeroso; moças de *toilettes* claras, rindo alegremente.

É como o chilrear de nuvem de velozes passarinhos, por toda a parte se ouve o ciclar conhecido das correntes que passam nos *pignons*, ao passo que agora e logo vêm chegando uma e outra animada cyclista.

« Eila! » A fila é uma serpente enorme, ondulosa, barulhenta, caprichosa que se põe a caminho alegre e satisfeita.

Assim a luz do rubro sol, a *bicha* enorme que segues estrada a fora, parece uma procissão de phantasticos insectos iluminada a esquisitos fogos de Bengala.

Conto os cyclistas: « OITENTA E UM! ».

Tal foi o numero dos incorporados ao passeio hontem: oitenta e um! O mais alto numero de cyclistas que figurou até hoje no Pará, n'uma reunião sportiva d'aquelle genero (O PARÁ, 20.12.1897, p. 2, grifos do jornal).

Como mostra o texto acima, o passeio ciclístico do dia 19 de dezembro de 1897 contou com a presença de 81 ciclistas e foi considerado pelo jornal o mais numeroso até então. Apesar de não se configurar como uma competição, essa reunião aponta o interesse dos moradores de Belém pelas práticas esportivas, consideradas um importante indicativo de modernidade, tendo em vista que a evolução do fenômeno esportivo torna-se cada vez mais perceptível, transformando-se “[...] de instituição marginal e pouco valorizada em instituição central e muito mais valorizada, [...] na medida em que se tornou uma das principais, senão a principal fonte de identificação, significado e gratificação [no cotidiano]” (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 299).

A presença feminina nesse passeio foi celebrada pelo jornal “O Pará”, o qual teceu elogios diversos às ciclistas que participaram naquele dia. Segundo o periódico,

As moças deram ao passeio a nota alegre da sua *bavardage* encantadora.

Corajosas as nossas cyclistas. Umas verdadeiras valentonas as que, não obstante o mau estado da estrada, alcançaram hontem o Bosque Municipal²⁶.

²⁶ Situado na Avenida Almirante Barroso, atualmente denomina-se Bosque Rodrigues Alves.

Nada faltou para incutir-lhes desanimo: Manhã incerta, estrada molhada, lamacenta etc, etc.

E apesar de tudo isto nada as deteve; nada.

Hurrah ás graciosas cyclistas!! (O PARÁ, 20.12.1897, p. 2, grifo do jornal).

Em comparação a participação feminina nas regatas, podemos visualizar uma proximidade com relação aos elogios voltados a docilidade e graciosidade das mulheres participantes. Contudo, há um novo formato de elogio, dirigido a coragem dessas mulheres ao “enfrentar” os obstáculos impostos pelo mau tempo e estado das estradas. Há também outra barreira sendo desafiada, a dominação masculina sobre o corpo feminino, uma vez que a utilização das bicicletas possibilita novas formas de vestir e uma maior viabilidade na locomoção.

Com o uso mais frequente das bicicletas pelo público feminino, há uma mudança importante na forma de vestir, o “[...] abandono de um hábito provavelmente incômodo às mulheres: o uso do espartilho. Por restringir demais as vias respiratórias e limitar os movimentos, o uso do espartilho dificultava seriamente – ou até impedia – o ato de pedalar, reivindicado pelas mulheres da época” (SCHETINO, 2007, p. 72). Em países como França e Inglaterra, nos quais as significações e materializações da modernidade precedem o Brasil, as mulheres se envolveram com o ciclismo atestando o avanço social e também utilizando como argumento “[...] para ampliar as suas possibilidades de presença social, sendo responsável por mudanças nos costumes, inclusive nas vestimentas, que contribuíram para uma nova visibilidade pública feminina” (SCHETINO; MELO, 2009, p. 130).

O periódico “O Binoculo” costumava relatar brevemente, às vezes em tom de humor, os passeios de algumas ciclistas pela capital. Na publicação do dia 06 de janeiro de 1897, o jornal expõe o passeio “velocipedico” da senhora Brigida. Em 17 de junho do mesmo ano, fala-se das “[...] pernas finas da Dolores, isto é quando está vestida para passeio á bycicleta” (O BINOCULO, 17.06.1897, p. 2). No texto do dia 03 de maio de 1898, “O Binoculo” traz informações sobre três ciclistas,

A gentil Annita Binner tem feito grandes progressos na bycicleta. A continuar assim não ha **cyclist-woman** que a bata. Bravos á Annita!

A senhorita Brigida, levou uma tremenda quéda de rede. E’ provável que ella hoje não faça o torneio na Avenida em bycicleta.

Falla-se que a senhorita Apolonia, vae comprar uma bycicleta (O BINOCULO, 03.05.1898, p. 1, grifo nosso).

No trecho acima é possível encontrar alguns elementos sugestivos acerca da prática feminina do ciclismo. Além da crescente participação das mulheres no ciclismo, encontramos um

termo que ainda não havia sido encontrado na pesquisa, a saber, “*cyclist-woman*”, o qual faz recordar o termo “*sportman*”, considerados símbolos da modernidade. Os progressos da mulher chamada Annita levantam duas hipóteses possíveis, ela estaria aprendendo a andar de bicicleta ou estaria treinando para obter melhores resultados no ciclismo. Infelizmente, não obtivemos mais registros sobre essa mulher, bem como não há material que comprove um possível treinamento. Ainda sobre o mesmo trecho, fala-se sobre um torneio em bicicleta, no qual a referida senhorita Brigida não poderá tomar parte por ter sofrido um acidente.

Nos frequentes passeios realizados, tendo geralmente como destino o Bosque Municipal, os convites publicados nos periódicos eram destinados tanto aos homens quanto às mulheres. O jornal “O Pará”, do dia 16 de dezembro de 1897, trazia o seguinte texto: “Ficam desde já convidados todos os *cyclistas* do Pará **de ambos os sexos** a acompanhar o passeio que se realiza domingo ao Bosque Municipal. [...] Agradecer-se-á especialmente o concurso das senhoras” (O PARÁ, 16.12.1897, p. 2, grifo nosso). Podemos encontrar nesse trecho um estímulo a participação feminina nos passeios ciclísticos, além de sugerir que a presença das mulheres era recorrente. Essas publicações foram importantes para a crescente inserção das mulheres nas práticas esportivas e sociabilidades em geral, tendo em vista a influência exercida pelas publicações da época, sendo os jornais impressos as principais fontes de informações e inspiração de novas práticas.

Como já mencionado, os passeios ciclísticos eram realizados com frequência e os periódicos costumavam publicar convites e relatos sobre essa prática. Uma dessas publicações chama bastante atenção ao anunciar um passeio de bicicletas ornadas com flores e com direito a premiação para a escolhida pela comissão de jurados. Além do anúncio, o passeio será subordinado a um regulamento, como vemos a seguir.

- Um grande passeio de *bicycletas floridas* deve realizar-se no proximo domingo. Para a boa ordem, os organizadores entenderam de bom aviso expandir um regulamento. Assim, pois, o passeio obedecerá ao seguinte plano [...]:
- I. – E’ condição primordial de admisão a inscrição prévia [...].
 - II. – No acto da inscrição, o *cyclista* ou pessoa que o represente receberá uma fita branca, contendo impresso um numero de ordem. Este numero ornará o braço esquerdo do *cyclista* na occasião do passeio. [...]
 - IV. – O passeio effectuar-se-á na tarde de domingo, 8 de janeiro, partindo da praça Baptista Campos ás 5 horas, *em ponto*. Não são admittidas as machinas não ornadas de flôres.
 - V. – Cada *cyclista* é obrigado a colocar-se na ordem do seu numero [...].

VI. – Esta organização por numeros destina-se a manter os concorrentes em linha unipessoal, o que é o único meio de obter-se um julgamento imparcial por parte do *jury* [...].

VIII. – E' absolutamente vedado qualquer concorrente apressar a marcha de sua machina. [...]

X. – [O *jury*] compor-se-á do presidente, ou de um director designado por aquelle, das seguintes sociedades recreativas: Assembléia Paraense, Club Euterpe, Atheneu Commercial, Associação Dramatica, SportClub e Club Universal. Cada jurado tem um voto de valor igual ao de seus collegas de commissão.

XI. – Uma vez interrompido o desfile, serão as bicycletas enfileiradas junto ao passeio, por ordem numerica, o que facilitará aos membros do *jury* o exame das machinas e maior certeza de julgamento.

XII. – Lavrado o veredictum do *jury*, será lido publicamente, effectuando-se então a entrega solenne do *premio* concedido á bicycleta julgada como *a mais rica e brilhantemente ornada de flôres*. E' inappellavel a decisão do *jury*, *que resolverá por maioria absoluta* de votos. (O PARÁ, 05.01.1898, p. 1, grifos do jornal).

Mesmo se tratando de um passeio e tendo um carácter recreativo, o regulamento desenvolvido atesta a seriedade na realização do evento. Regras como o uso de numeração para identificação das bicycletas, a delimitação do horário de início e a criação de um júri comprovam esse aspecto. Outro ponto importante é o número de clubes e associações envolvidas, seis no total, o que aponta um grande envolvimento da sociedade em relação a esse evento. Após sua realização, o jornal O Pará traz o resultado,

[...] esteve bella a passeiata de bicycletas floridas realisada hontem á tarde.

O cortejo desfilou com ordem e garbo, e despertou vivas saudações por onde passou.

Obteve o premio a senhorita Amalia Faria, filha do estimavel litterato Euclides de Faria.

A' praça da Republica, especialmente na avenida d'este nome, accumulou-se enorme multidão, apesar da chuva que se mostrava imminente. Eguamente, pelas ruas do trajecto, já nos passeios, já ás janellas, com curiosidade intensa aguardavam o cortejo.

Foi uma bella festa, apesar de tudo, e é de esperar que outra e outras sejam feitos pelo cyclismo paraense (O PARÁ, 10.01.1898, p. 2, grifo nosso).

O jornal descreve o passeio como uma bela festa e expõe a mobilização causada pelo passeio, tendo várias pessoas como espectadoras. A ganhadora foi uma mulher, entretanto entendemos que o evento se tratava mais de um desfile de bicycletas do que de uma competição, apesar das regras impostas.

Sobre os passeios das mulheres pela cidade em bicicletas, na coluna intitulada “Telegrammas”, o periódico “O Binoculo” expôs a seguinte mensagem, relatando algumas atividades de um determina mulher em Manaus:

Manáos, 9 de fevereiro – A senhorita Adelaide, tem deito o diabo a quatro. Vae na bicycleta ao espetaculo; dança maxixe no palco; faz sarilho nos cafés; está feita professora de maxixe e de bicycleta; é policial secreta; emfim, aqui ninguém póde com a vida de Adelaide (O BINOCULO, 13.02.1898, p. 1).

Tal mensagem, além de expor as atividades dessa mulher, possibilita a visualização de um contexto para além da capital paraense. Muitas vezes as fontes consultadas realizam uma espécie de intercâmbio com outras capitais nacionais e internacionais. Apesar do caráter cômico do texto citado acima, constata-se a utilização da bicicleta pelas mulheres, bem como apresenta uma nova imagem de mulher, mais presente pelas ruas da cidade e com mais possibilidades de sociabilidades. Como apontam Schetino e Melo,

O processo de urbanização e o desenvolvimento de um melhor sistema de transporte (com o surgimento do bonde, primeiro a tração animal e depois elétrico) “convidavam” as mulheres à rua, aumentavam sua possibilidade de mobilidade, criavam contrapontos à tradicional ideia de confinamento doméstico. A presença feminina é cada vez mais constante nas competições esportivas, no teatro, no cinema e nos salões. (SCHETINO; MELO, 2009, p. 123).

Entretanto, com relação ao ciclismo, algumas restrições eram difundidas, como mostra o jornal Correio Paraense do dia 14 de dezembro de 1892, que publicou um resumo de um artigo apresentado originalmente pelo médico francês dr. Philippe Tissié²⁷ à Sociedade de Biologia. Segundo o texto, o ciclismo é um excelente exercício, “[...] com o uso do velocípede, activa-se a digestão, combate-se a gotta, o arthristismo, o reumatismo, a obesidade, etc” (CORREIO PARAENSE, 14.12.1892, p. 2). Porém, no que diz respeito à prática feminina do ciclismo alguns cuidados deveriam ser levados em consideração, “[...] o fabrico das novas machinas permite á mulher este genero de *sport* sem receio de acidente, mas não convem que ella faça marchas superiores a 12 ou 14 kilometros por hora” (CORREIO PARAENSE, 14.12.1892, p. 2). Não há indícios de que as mulheres da época realmente seguiam essas indicações médicas, porém podemos afirmar que o uso da bicicleta foi um artifício importantíssimo para o alargamento das sociabilidades delas. Mesmo apontando algumas restrições, a prática feminina da velocipedia era

²⁷ Segundo Delgado (1893), o doutor Tissié foi um dos responsáveis pela “introdução do cyclismo nos dominios da Medicina” (1893, p. 66).

aconselhada pelos médicos, como aponta o trecho do livro do médico português Antônio Martins Delgado: “Generalise-se pois a bicycletta ao bello sexo, porque ella representa com certeza o melhor meio que nós possuímos para assegurar ás mulheres a saúde, a força e a belleza, e por consequência a felicidade” (DELGADO, 1893, p. 97).

Acerca de competições ciclísticas destinadas a mulheres, os registros encontrados apontam um esforço por parte das próprias mulheres em realizá-las. Em um festival programado para ocorrer no Velódromo Paraense, “festa em beneficio da artista mme. Prescott, a conhecida Diavoline, n’ella se disputará um *match*-desafio entre mme. Prescott e a campeã portuguesa Laura Vieira” (A PROVINCIA DO PARÁ, 20.01.1908, p. 2, grifo do jornal). Alguns dias após essa publicação,

[...] mlle. Marthe [...] que, tendo lido na imprensa local que [...] haverá no Velódromo uma corrida para o sexo feminino, e que mme. Diavoline, depois do *match* com mlle. Laura, acceita todo e qualquer desafio, vem [...] declarar áquellas senhoras que está disposta a correr com ellas, em grande ou pequena distancia (A PROVINCIA DO PARÁ, 23.01.1908, p. 3, grifo do jornal).

Há a divulgação do festival durante vários dias, sempre evidenciado a corrida ciclística que seria realizada. Segundo o periódico, “evidentemente, a lucta vae travar-se renhidissima entre as *sportwomen* dedicadas ao exercicio magnifico da velocipedia, graças ao desafio lançado ha dias por *madame* Diavoline [...]” (A PROVINCIA DO PARÁ, 24.01.1908, p. 3 grifos do jornal). Um outro trecho aponta a realização de treinos que estariam sendo realizados pelas competidoras, “hontem, apesar da chuva, os trainos estiveram animadissimos, comparecendo ao Velódromo, além de muitos corredores, as sras. Diavoline e Maria Amelia” (A PROVINCIA DO PARÁ, 30.01.1908, p. 3).

As corridas foram realizadas na tarde de 02 de fevereiro de 1908, sem a participação da campeã Laura Vieira mencionada acima e teve os seguintes resultados:

1º numero – *match* em 1000 metros, entre Diavoline e *mlle.* Marthe. Em 1º Diavoline. Tempo 2’25”. *Mlle.* Marthe, que se revelou uma optima pedalista, foi infeliz, ou antes, imprevidente n’esta corrida, pois desde o começo desenvolveu um *train* algo violento, offerecendo oportuna *colla* a Diavoline, o que muito facilitou a sua derrota.

[...]

3º numero – *match* entre Diavoline e *mlle.* Amelia, em 1000 metros, vencendo esta [...]. Ao entrarem na recta de chagada desengrenou-se a machina de Diavoline, o que muito protegeu a sua antagonista.

[...]

5º numero – *match* em 666 metros entre Diavoline e *mlle.* Amelia. Ainda d’esta vez a pedalista indigena sahiu victoriosa, por entre as exclamações do publico.

Madame Mondt deve esta sua segunda derrota á bycicleta que montava, a qual era demasiadamente alta para si” (A PROVINCIA DO PARÁ, 03.02.1908, p. 3, grifos do jornal).

Apesar de não haver informações claras sobre a existência de um regulamento e de ter ocorrido problemas com a bicicleta de uma das competidoras, essas provas voltadas para as mulheres foram realizadas, pelo que sugere os textos, a partir de iniciativa das próprias mulheres. Isso pode insinuar a falta de realização de competições desse tipo e interesse do público feminino por esse tipo de evento.

Nas fontes utilizadas para essa pesquisa não identificamos a realização de outras provas femininas no ciclismo além da citada acima. Essa restrição, acerca da participação feminina em provas de ciclismo, segue o pensamento de Schetino e Melo, pois “ainda que tenha rapidamente se propagado o uso de bicicletas nos momentos de lazer, no âmbito das competições as restrições permaneceram fortes [...]” (SCHETINO; MELO, 2009, p. 130).

A respeito das regatas, a realização dessas manteve durante anos um caráter festivo, vinculada a importantes comemorações cívicas. Como tratado anteriormente, as fontes trazem a presença das mulheres, no papel de espectadoras, embelezando esses eventos e constituindo um ambiente de sociabilidades. Esse primeiro contato por meio da observação possibilitou a posterior inserção de mulheres na prática efetiva das regatas, agora, na condição de participantes. Ainda vinculadas às festas cívicas, no dia 11 de junho de 1888 foi realizada “[...] uma regata seguida de passeio marítimo⁹, [a qual] juntou no bello porto do Guajará uma enorme multidão, que sem exagero póde ser calculada de 6 a 8 mil pessoas [...]” (O LIBERAL DO PARÁ, 15.06.1888, p.1). Nesse grande evento, as fontes mostram a participação feminina enquanto espectadoras e vinculadas à representação de graça e beleza, narrando que

[...] os vestidos claros das senhoras [...] que davam ao acontecimento [...] notas alegres e vistosas [ou com a] simplicidade das *toilets* das gentis meninas, algumas vestidas á marinheira, [que junto às] harmonias belíssimas das bandas marciaes [...] formava ali um conjunto cheio das mais attrahentes seducções, convidando o coração a expandir-se em demonstrações de jubilo (O LIBERAL DO PARÁ, 15.06.1888, p. 1, grifo do jornal).

Essas representações são provenientes de um novo modelo de cidade, uma Belém civilizada e com ares europeizados, no qual as mulheres se mostram e participam efetivamente dos divertimentos ao ar livre. Quanto a presença feminina nas regatas do dia 11 de junho, “[...] entre os pareos, distinguiram-se, merecendo toda a atenção e despertando entusiasmo, o das

senhoras, em que moças da nossa melhor sociedade **concorrerão gentilmente para dar mais realce á festa [...]**” (O LIBERAL DO PARÁ, 15.06.1888, p.1, grifo nosso). Mesmo com o envolvimento direto na regata, o trecho citado deixa claro o caráter alegórico dessa participação, dando ênfase a uma condição que não se pauta sobre aspectos técnicos ou competitivos e sim, sobre uma imagem da mulher, mesmo a mulher competidora, como alguém graciosa, ou ainda, para usar a perspectiva da publicação, “gentil”. Nessa regata, os páreos femininos foram dois: o terceiro páreo, constituído totalmente por mulheres, e o quarto páreo, remado por mulheres e com um homem na função de timoneiro, tendo 4 escaleres no total (Princeza Izabel, Lulú, P. Regente e 13 de Maio). De acordo com o texto publicado pelo “O Liberal do Pará”, as embarcações vencedoras foram Princeza Izabel e 13 de maio, respectivamente terceiro e quarto páreos.

Mesmo com uma participação notavelmente menor em comparação aos homens, é possível identificar um crescente interesse das mulheres na prática esportiva de regatas. Os dois páreos femininos do dia 11 junho evidenciam isso. Ademais, a presença dessas mulheres tanto na condição de espectadoras quanto na prática propriamente dita, mantendo relações com as práticas esportivas nos dois casos, favorecem e incentivam importantes momentos de sociabilidade na cidade (DIAS, 2015). Segundo Lucena, “[...] pela prática dos esportes, as mulheres se mostravam bem mais presentes na vida social das cidades [...], como assistentes e, muitas vezes, como atletas [...]” (LUCENA, 2000, p. 79).

Além desse importante registro do ano de 1888, encontramos nas fontes outra regata que contou com a participação das mulheres como remadoras. Vinculadas às festas republicanas de 1898, as regatas já eram consideradas um momento importante nas festividades cívicas, como mostra o periódico “O Pará” ao publicar a programação completa no dia 15 de novembro de 1898, ocupando quase uma página inteira do jornal, na qual as regatas eram consideradas o ponto alto dos festejos.

Dentre os oito páreos realizados no dia 16 de novembro, o primeiro, de acordo com a programação do evento, denominado “Marinha Brasileira”, seria um “[...] lindo pareo de gentis e graciosas meninas [em] Escaleres a trez remos [...]” (O PARÁ, 15.11.1898, p. 4). Como é possível perceber, mesmo com as publicações separadas por uma década (1888-1898), inclusive, com a primeira pertencendo aos tempos do Brasil Império e a segunda do Brasil República, o olhar e entendimento relativo às mulheres continua o mesmo, ou seja, quer fosse como

espectadoras ou participantes, as mentalidades da época, presentes nos jornais, construía uma imagem da mulher como vinculadas à graciosidade, beleza e gentildade.

Nessa mesma publicação são apresentadas algumas obrigatoriedades aos participantes, trazendo clara delimitação de regras. Isso sugere que, apesar do caráter festivo dessas competições, as regatas já estavam passando por um momento de institucionalização, em um processo que pode ser entendido como de esportivização, conforme aqui já destacado. As “recomendações” eram claras:

Todas as embarcações inscriptas nos diversos pareos devem estar no ponto de partida ás 7 horas da manhã, para a distribuição das linhas em que devem correr.

Só serão acceitos os distinctivos fornecidos pela comissão, os quaes devem ser arvorados á proa das embarcações durante a corrida, sendo prohibido collocar á pôpa bandiera ou outro qualquer signal.

Nenhum pareo formará na linha antes de se levantar o signal de chamada, sendo elle o seguinte: para o 1º pareo, bandeira branca; para o 2º, encarnada; [...].

A bandeira branca e azul, em xadrez, hasteada no ponto de partida e confirmada com um tiro, indica a annullação da sahida; içada essa bandeira e do mesmo modo confirmada, no ponto de chegada, indica a annullação do pareo. [...]

Nenhuma embarcação, sob pena de ser retirada do pareo, poderá:

- navegar na linha de outra.

- impedir ou dificultar, por qualquer modo, a marcha da competidora ou cortar-lhe a prôa, salvo em distância não inferior a 6 corpos da embarcação.

As embarcações não poderão ficar a sotavento das boias de chegada, devendo tomar a margem ou a lancha Bonifacio de Abreu, que as rebocará para o navio capitanea (O PARÁ, 15.11.1898, p. 4).

Os elementos apresentados indicam um processo de racionalização na prática das regatas, constituído a partir de normativas de caráter obrigatório, evidenciando-se uma crescente seriedade (ELIAS; DUNNING, 1992). Desse modo, apesar da relação com as festividades, a prática das regatas já se mostrava em direção a uma maior seriedade através das demarcações espaciais e da inserção de regras. Dito de outro modo: a prática das regatas começa a se aproximar do modelo esportivo, em um processo de esportivização que, adiante no fio do tempo, tornaria as regatas festivas em competições esportivas da modalidade remo.

Retomando a participação das mulheres nesse evento, o jornal “O Pará” do dia 18 de novembro de 1898 publicou uma grande narrativa da programação realizada nos dias 15 e 16 daquele mês, ocupando também quase uma página inteira. Acerca dos festejos, o periódico afirma: “Não temos lembrança de ter visto eguaes n’estes ultimos annos e até mesmo as que aqui se realisaram em 1888 [...] estiveram, ao nosso vêr, muito aquem das que a população de Belém

ultimamente assistiu” (O PARÁ, 18.11.1898, p. 2). Quanto ao resultado do páreo disputado por mulheres,

Disputaram-no dois escaleres, tripolados por gentins meninas. O escaler vencedor [...] era pilotado pela elegante senhorita Violeta Pontes de Carvalho e tripolado pelas meninas Gertrudes Romano, Calisto M. Valle e Julieta Machado. O que chegou em segundo lugar, mas que muito se exforçou na pugna [...] tinha como piloto a senhorita Inezinha Fidanza e era tripolado pelas meninas d. Ceo Aranha, Anningas França e Antonietta Martins (O PARÁ, 18.11.1898, p. 2).

Novamente, os aspectos estéticos das participantes femininas recebem maior ênfase nos textos publicados, atribuindo-lhes a função de embelezar as regatas em detrimento da importante participação das mulheres como competidoras. Esses momentos de sociabilidades através da prática esportiva feminina, mesmo sendo bem menor em relação a masculina, ajudaram a compor “[...] o quadro de uma urbanidade moderna que aos poucos se configurava” (DIAS; SOARES, 2014, p. 174).

Mesmo que tenhamos um relevante número de dados acerca da prática feminina do ciclismo, essa prática não apresenta um caráter de competição, restringindo a participação das mulheres a passeios e locomoção, apesar de já existir uma sistematização das competições ciclísticas masculinas. Em contrapartida a prática das regatas por mulheres em Belém apresenta uma maior sistematização quando comparada à de velocipedia, que também atraía muitas mulheres como espectadoras ou praticantes, aproximando-se assim do que viria a ser o esporte moderno, ainda que as regatas estivessem, nesse período, vinculadas a eventos comemorativos. Pensadas dessa forma, tanto a regata quanto a velocipedia podem ser entendidas como momentos iniciais da inserção da mulher belenense no campo do esporte moderno, constituindo-se assim de importantes elementos para a sociabilidade das mesmas no cenário da *belle époque* e também da modernização belenense em si.

Analisando o contexto amplo de tais práticas, a partir do recorte e categorização temporal que propusemos em nossa pesquisa, consideramos que as práticas citadas ao longo do capítulo apontam a crescente inserção das mulheres belenenses no campo esportivo a partir de uma ampliação no quadro das sociabilidades, mas sempre norteadas pelo olhar masculino, ou ainda, sendo consideradas a partir do olhar masculino que atribuiu às mulheres um determinado lugar, imagem e papel dentro da cultura urbana então inventada: a de serem belas, graciosa e gentis. Destarte, as fontes pesquisadas costumam moldar tal ideário da mulher, mesmo durante as

práticas físicas, o que nos faz deduzir que as “[...] práticas comuns ao universo da cultura física, quando relacionados à mulher despertam suspeitas porque parecem abrandar certos limites que contornam uma imagem ideal de ser feminina” (GOELLNER, 2003, p. 108). Ainda nesse entendimento, pensar a participação das mulheres no processo que levou ao surgimento do esporte moderno no Brasil implica ter a clareza e pontuar que tal movimento partiu de olhares próprios dos homens, em uma perspectiva que irremediavelmente delegava àquelas papéis que, “[...] quando aparecem colados à figura da mulher tensionam diferentes perspectivas, pois ao mesmo tempo que ampliam suas possibilidades individuais e sociais a encerram dentro de padrões de ser e de se comportar” (GOELLNER, 2003, p. 143). O alargamento das sociabilidades femininas é acompanhado por uma educação do corpo, a qual delimita até onde a mulher pode ir, se pode praticar determinada atividade esportiva e se poderá competir ou não. Algumas resistências podem ser observadas, entretanto, no entre séculos, ainda são resistências “dóceis”, assim como as mulheres. Refletindo a partir das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, no início do século XX, afirma-se que

[...] não foi fácil nem rápido aceitar a imagem de mulheres praticando esporte [...]. Também permanecia uma divisão clara entre gêneros e modalidades esportivas. Por isso, a corrida, a natação e os saltos pertenciam muito mais à esfera masculina. Preferia-se vincular o suor e o esforço corporal aos homens [...] (SANT’ANNA, 2014, p.39).

Ao considerarmos as fontes analisadas ao longo de nossa pesquisa, o entendimento de Sant’anna pode ser deslocado para uma Belém dos anos iniciais do século XX, sendo capaz de explicar o contexto belenense, possibilitando também considerarmos Belém como uma das capitais brasileiras, entre as quais Rio de Janeiro, São Paulo e Manaus, que compôs o projeto de modernidade do entre séculos, incluindo aí o surgimento de uma nova cultura urbana que encontrou no esporte moderno um de seus elementos. Esse processo de modernização e surgimento de uma nova cultura urbana alargou o campo de sociabilidades para as mulheres, incluindo aí a prática esportiva. Mas, seguindo os passos de Sant’anna, a partir da pesquisa podemos afirmar que houve uma demarcação de papéis e atribuições sociais diferenciada, cabendo à mulher, fosse como espectadoras ou como praticantes, fosse em práticas físicas esporádicas ou recorrentes, ou ainda, recorrendo à categorização temporal proposta em nossa pesquisa, fosse nos primórdios do esporte (década de 1870 aos anos iniciais de 1900) ou no início do esporte moderno em Belém do Pará (anos iniciais de 1900 até a década de 1910), o papel da graciosidade, beleza e gentilidade.

4 À GUIA DE CONCLUSÃO

As práticas esportivas foram um importante meio de ampliação das sociabilidades femininas em uma Belém do Pará do final do século XIX aos anos de 1910, tanto no papel de espectadoras quanto no de praticantes. No período pesquisado, as fontes não apresentaram uma participação frequente na qualidade de competidoras, mas a presença como espectadoras abriu espaço para as práticas esportivas futuras das mulheres. O momento vivido por Belém, em decorrência da intensa produção e exportação de látex, possibilitou um novo cotidiano na cidade, com suas elites maravilhadas com o aceno da tão sonhada modernidade, importada da Europa e que se julgava, pelas mentalidades da época, ser possível instalar-se na região amazônica. A partir da *belle époque* belenense as mulheres foram inseridas nas diversas práticas sociais, criando novo quadro de sociabilidades que abrange desde a ida ao teatro até a participação como competidoras.

Como tratado na seção 2, apesar da invisibilidade recorrente nos relatos escritos, deve-se considerar as mulheres como personagens atuantes na sociedade. Desse modo, as modificações pelas quais algumas capitais brasileiras passaram, entre as quais Belém e Manaus, viabilizaram a ampliação da participação feminina, levando-as aos bailes e eventos sociais diversos, em especial, às práticas físicas e esportivas. As transformações nas cidades, movidas pela lógica capitalista, contribuíram para o surgimento de uma nova cultura urbana, alterando as sociabilidades e delegando às mulheres novos papéis. Com efeito, o processo de modernização de Belém no entre séculos XIX e XX, buscou reproduzir aquilo que havia sido desenvolvido na Europa, modificando os usos e costumes de sua população. Com a implantação de alguns serviços públicos, como iluminação, calçamento, transporte e saneamento, a vida na cidade se amplificou, diminuindo o tempo de confinamento no ambiente doméstico. Nesse sentido, o mundo das sociabilidades se abria para as mulheres, as quais se aventuravam além dos limites da vida privada, mas seu comportamento público se mantinha sob o poder do patriarcado.

Os moldes culturais provenientes da Europa, além de serem motivados pelo intenso intercâmbio realizado pela elite belenense com suas viagens aos países europeus e do envio de seus filhos e filhas a fim de obterem formação nesses países (SARGES, 2010; DIAS, 2014), eram extremamente incentivados pelos periódicos circulantes em Belém no entre séculos. O comércio

também participava desse processo, oferecendo roupas importadas ou que seguiam os padrões europeus, anunciando largamente esses produtos na maioria dos jornais.

Diante desse processo de modernização, novas sociabilidades foram implementadas no cotidiano de Belém, promovendo uma nova cultura urbana, como consta na seção 3 desse trabalho. A crescente movimentação nos periódicos da época comprova a criação de diversos espaços, como praças, salões e *clubs*, destinados a atividades sociais como bailes e saraus. Percebemos nas fontes uma grande participação femininas nesses eventos, constituindo-se como possibilidades de sociabilidades a elas, mas que mantinham como papel abrilhantar esses acontecimentos sociais. A ida aos teatros, prática recorrente segundo as fontes, também contribuiu para a ampliação dessas possibilidades.

A progressiva participação feminina nos ambientes destinados aos divertimentos e ao convívio social possibilitou uma aproximação entre as mulheres e as primeiras manifestações esportivas, contribuindo com o processo de constituição do esporte moderno em Belém do Pará. Como foi constatado a partir dos jornais pesquisados, inicialmente, a participação feminina, no que diz respeito às práticas esportivas, é caracterizada pelas mulheres retratadas como meras espectadoras dos eventos, sendo incumbidas de tornar tais momentos de sociabilidade mais graciosos e belos com a sua presença. Seguindo os recortes temporais propostos, visualizamos nos textos dos periódicos a participação das mulheres como espectadoras de práticas que eram considerados esporte na época, porém não seguiam as características do modelo de esporte moderno adotado nessa pesquisa. Dentre essas práticas, destacamos as touradas, o turfe e a velocipedia, nas quais o público feminino geralmente estava presente, sempre com o mesmo papel: tornar esses eventos mais belos.

A aproximação das mulheres às práticas físicas e esportivas começa a adquirir um novo perfil na transição para o século XX, mudança essa que fica mais evidente nos anos de 1910. Esse maior envolvimento, agora já como competidoras, ou, de certo modo, atletas, configura uma mudança de mentalidades e usos e costumes. A partir da análise das fontes, identificamos a presença de modalidades que, aparentemente, eram praticadas esporadicamente (*croquet*, patinação, tiro ao alvo, natação e ginástica). Em alguns momentos essas práticas possuíam um certo caráter competitivo, segundo as publicações pesquisadas, contudo o olhar dado às mulheres preserva as características de feminilidade e gentileza supostamente inerentes à mulher.

Encontramos durante a pesquisa uma constante realização de torneios, ou festivais esportivos realizados pelos clubs, que reuniam diversas modalidades diferentes e alguns jogos. A presença das mulheres era recorrente, sugerindo que ocorria a experimentação de diversas práticas físicas por elas e uma constante ampliação das sociabilidades. Essas vivências promovem uma nova representação do corpo e um maior contato com os ambientes ao ar livre, fruto de uma nova cultura urbana, bem como uma preocupação com a aparência.

As práticas esportivas identificadas como sendo mais recorrentes entre as mulheres belenenses são o ciclismo e as regatas. A prática do ciclismo se apresenta nos jornais como sendo bem comum, sendo os passeios ciclísticos realizados com frequência, contando, geralmente, com a participação de mulheres, promovendo uma nova imagem dessas: as mulheres se faziam presentes em eventos esportivos ou de recreio, ampliando assim o espectro de suas sociabilidades. Acerca de competições ciclísticas femininas, encontramos apenas uma em nossa pesquisa e que parece ter sido realizada por iniciativa das próprias mulheres, o que sugere uma certa restrição no que diz respeito às competições destinadas a elas.

Foi possível identificar, dentre todas as modalidades tratadas até então, um processo de racionalização bem delimitado no que diz respeito à prática das regatas, apesar da relação com as festividades, tendo em vista que a mesma se mostrava em direção a uma maior seriedade através das demarcações espaciais e da inserção de regras. Ainda assim, os aspectos estéticos das participantes femininas recebem maior ênfase nos textos publicados, atribuindo-lhes a função de embelezar as regatas em detrimento da participação das mulheres como competidoras. Delimita-se uma imagem da mulher, mesmo a mulher competidora, como alguém graciosa e gentil. Ademais, a ampliação das sociabilidades femininas, oriunda da modernização da cidade, é seguida por uma educação do corpo, que delimita até onde a mulher pode ir, se poderia praticar determinada atividade esportiva ou não. Essas delimitações são realizadas a fim de que se mantenham os papéis “pré-estabelecidos”, destinados de acordo com o olhar masculino. Nesse sentido, concluímos que o processo de inserção de mulheres belenenses na cultura urbana instalada ao longo da belle époque encontrou nas práticas de recreio, em um primeiro momento e, posteriormente, nas práticas desportivas, um importante mecanismo de alargamento das sociabilidades. Entretanto, embora possibilitando às mulheres visibilidade e participação nos usos e costumes então inaugurados, isso ocorreu a partir do olhar masculino, ou ainda, a partir do lugar e do papel social que os homens parecem ter delegado à mulher daqueles tempos idos: ser jovem,

bela, graciosa e dotada de gentilidade, fosse como espectadora ou praticante das atividades esportivas.

FONTES

- A PROVINCIA DO PARÁ. Belém, 18 de agosto de 1907, p. 3.
- A PROVINCIA DO PARÁ. Belém, 20 de agosto de 1907, p. 3.
- A PROVINCIA DO PARÁ. Belém, 16 de setembro de 1907, p. 3.
- A PROVINCIA DO PARÁ. Belém, 20 de janeiro de 1908, p. 2.
- A PROVINCIA DO PARÁ. Belém, 23 de janeiro de 1908, p. 3.
- A PROVINCIA DO PARÁ. Belém, 24 de janeiro de 1908, p. 3.
- A PROVINCIA DO PARÁ. Belém, 30 de janeiro de 1908, p. 3.
- A PROVINCIA DO PARÁ. Belém, 03 de fevereiro de 1908, p. 3.
- A PROVINCIA DO PARÁ. Belém, 22 de março de 1908, p. 3.
- A PROVINCIA DO PARÁ. Belém, 24 de agosto de 1908, p. 3.
- A PROVINCIA DO PARÁ. Belém, 19 de setembro de 1909, p. 3.
- A PROVINCIA DO PARÁ. Belém, 28 de novembro de 1911, p. 1.
- A PROVINCIA DO PARÁ. Belém, 17 de março de 1912, p. 1.
- A PROVINCIA DO PARÁ. Belém, 24 de março de 1912, p. 1.
- A PROVINCIA DO PARÁ. Belém, 09 de junho de 1912, p. 3.
- A PROVINCIA DO PARÁ. Belém, 26 de junho de 1912, p. 3.
- A REPUBLICA. Belém, 19 de agosto de 1890, p. 2.
- CORREIO PARAENSE. Belém, 14 de dezembro de 1892, p. 2.
- CORREIO PARAENSE. Belém, 19 de maio de 1893, p. 2.
- ESTADO DO PARÁ. Belém, 01 de março de 1918, p. 4.
- ESTADO DO PARÁ. Belém, 26 de março de 1918, p. 4.
- ESTADO DO PARÁ. Belém, 09 de maio de 1919, p. 3.
- ESTADO DO PARÁ. Belém, 10 de maio de 1919, p. 4.
- ESTADO DO PARÁ. Belém, 11 de maio de 1919, p. 3.
- ESTADO DO PARÁ. Belém, 11 de maio de 1919, p. 3.
- ESTADO DO PARÁ. Belém, 12 de maio de 1919, p. 2.
- ESTADO DO PARÁ. Belém, 14 de maio de 1919, p. 2.

ESTADO DO PARÁ. Belém, 17 de agosto de 1919, p. 4.

ESTADO DO PARÁ. Belém, 28 de agosto de 1919, p. 4.

FOLHA DO NORTE. Belém, 22 de fevereiro de 1896, p. 2.

FOLHA DO NORTE. Belém, 14 de abril de 1896, p. 1.

FOLHA DO NORTE. Belém, 13 de junho de 1896, p. 1.

FOLHA DO NORTE. Belém, 13 de junho de 1896, p. 3.

FOLHA DO NORTE. Belém, 24 de junho de 1896, p. 2.

FOLHA DO NORTE. Belém, 18 de agosto de 1896, p. 2.

FOLHA DO NORTE. Belém, 07 de junho de 1897, p. 2.

FOLHA DO NORTE. Belém, 22 de junho de 1897, p. 3.

O BINOCULO. Belém, 17 de junho de 1897, p. 2.

O BINOCULO. Belém, 13 de fevereiro de 1898, p. 1.

O BINOCULO. Belém, 03 de maio de 1898, p. 1.

O DEMOCRATA. Belém, 26 de outubro de 1890, p. 2.

O DEMOCRATA. Belém, 13 de janeiro de 1891, p. 1.

O DEMOCRATA. Belém, 09 de junho de 1893, p. 2.

O JORNAL. Belém, 14 de novembro de 1900, p. 2.

O LIBERAL DO PARÁ. Belém, 05 de julho de 1870, p. 1.

O LIBERAL DO PARÁ. Belém, 15 de fevereiro de 1871, p. 3.

O LIBERAL DO PARÁ. Belém, 10 de setembro de 1876, p. 2.

O LIBERAL DO PARÁ. Belém, 23 de novembro de 1877, p. 1.

O LIBERAL DO PARÁ. Belém, 17 de fevereiro de 1878, p. 1.

O LIBERAL DO PARÁ. Belém, 15 de junho de 1888, p. 1.

O LIBERAL DO PARÁ. Belém, 23 de abril de 1889, p. 2.

O LIBERAL DO PARÁ. Belém, 30 de julho de 1889, p. 2.

O LIBERAL DO PARÁ. Belém, 17 de agosto de 1889, p. 2.

O PARÁ. Belém, 16 de dezembro de 1897, p. 2.

O PARÁ. Belém, 17 de dezembro de 1897, p. 2.

- O PARÁ. Belém, 20 de dezembro de 1897, p. 2.
- O PARÁ. Belém, 31 de dezembro de 1897, p. 1.
- O PARÁ. Belém, 05 de janeiro de 1898, p. 1.
- O PARÁ. Belém, 10 de janeiro de 1898, p. 2.
- O PARÁ. Belém, 02 de fevereiro de 1898, p. 2.
- O PARÁ. Belém, 06 de fevereiro de 1898, p. 2.
- O PARÁ. Belém, 24 de fevereiro de 1898, p. 2.
- O PARÁ. Belém, 23 de junho de 1898, p. 2.
- O PARÁ. Belém, 26 de julho de 1899, p. 1.
- O PARÁ. Belém, 09 de outubro de 1898, p. 1.
- O PARÁ. Belém, 18 de agosto de 1898, p. 2.
- O PARÁ. Belém, 15 de novembro de 1898, p. 4.
- O PARÁ. Belém, 18 de novembro de 1898, p. 2.
- O PARÁ. Belém, 27 de novembro de 1898, p. 2.
- O PARÁ. Belém, 02 de janeiro de 1899, p. 2.

REFERÊNCIAS

BATES, Henry Walter. **O naturalista no rio Amazonas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

_____. **O naturalista no rio Amazonas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

BELTRÃO, Jane Felipe. **Cólera, o flagelo da Belém do Grão Pará**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Universidade Federal do Pará, 2004.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais PARAOaras**: catálogo. Belém: SECDet, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2001

BRESCIANI, Maria. Metrôpoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 5, n. 8/9, p. 35-68, 1985.

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CASTRO, Fábio Fonseca de. **A cidade Sebastiana. Era da borracha, memória e melancolia numa capital da periferia da modernidade**. Belém: Edições do Autor, 2010. 252 p.

COELHO, Geraldo Mártires. Na Belém da belle époque da borracha (1890-1910): dirigindo os olhares. **Revista Escritos**. Rio de Janeiro, n. 5, p. 141-168, 2011.

CONLIN, Jonathan. **Histórias de duas cidades**: Paris, Londres e o nascimento da cidade moderna. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CRUZ, Ernesto. **História do Pará**. 2º volume. Belém, PA: Universidade Federal do Pará, 1973.

DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2004.

DEL PRIORE, Mary. **A mulher na história do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

DELGADO, António Martins. **A velocipedia**: hygiene e therapeutica. Porto: Typographia Gandra, 1893. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10216/17062>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

DIAS, Douglas da Cunha. Cidade e natureza: as águas relendo uma Belém da belle époque (1870 aos anos iniciais de 1910). In **Dossiê: Cidade e Natureza**. Urbana: Rev. Eletrônica Cent. Interdiscip. Estud. Cid Campinas (SP) v.8, n.2 [13] p. 233-253, 2016.

_____. Notas sobre regatas festivas em Belém do Pará (1876 aos anos iniciais de 1900). **Anais do XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE)**; VI Congresso Internacional de Ciências do Esporte (CONICE). Vitória/ES, 2015.

_____. **Quem te margeia conta de ti:** educação do corpo em Belém do Pará (de 1855 à década de 1920). Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Campinas, 2014.

DIAS, Douglas da Cunha; SOARES, Carmem Lúcia. Entre velas, barcos e braçadas: Belém no reflexo das águas (do final do século XIX à década de 1920). **Projeto História**, São Paulo, n. 49, Abr. 2014.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**. São Paulo: Global Editora, 2004.

GAUDÊNCIO, Itamar Rogério Pereira. **Football suburbano e festivais esportivos:** lazer e sociabilidade nos clubes de subúrbio em Belém do Pará (1920-1952).

GOELLNER, Silvana Vilodre. Gênero e esporte na historiografia brasileira: balanços e potencialidades. **Revista Tempo**, Rio Grande do Sul, v. 19, n. 34, 2013.

_____. “As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte”: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. **Recorde:** Revista de História do Esporte, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-28. jun. 2008.

_____. **Bela, maternal e feminina:** imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Esportivização (verbetes) in GONZALEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (org.). **Dicionário Crítico de Educação Física**. 3.ed. rev. e ampl. Ijuí: Ed. Unijui, 2014.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

LEAL, Luiz Augusto Pinheiro. **Gladiadores de escassa musculatura: sociabilidade, literatura e responsabilidade intelectual na Amazônia**. Belém: IAP, 2014. 139 p.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **O esporte na cidade:** aspectos do esforço civilizador brasileiro. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, 2000.

LUCENA, Ricardo de Figueiredo; MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza; CANUTO, Priscila Santos. **Esportes no nordeste: um mosaico sócio-histórico**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011. 206 p.

MELO, Victor Andrade de. **Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. 356 p.

_____. **Cidade sportiva:** primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001.

MELO, Victor Andrade de; ROCHA JUNIOR, Coriolano Pereira da. As touradas na cidade da Bahia: transições na dinâmica pública soteropolitana. **História & Perspectivas** (Online), Uberlândia, v. 54, p. 189-211, 2016.

MIRANDA, Cybelle Salvador et al. Santa Casa de Misericórdia e as políticas higienistas em Belém do Pará no final do século XIX. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 525-540, 2015.

MUMFORD, Lewis. **A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

PINHEIRO, Eloísa Petti. **Europa, França e Bahia: difusão e adaptação de modelos urbanos** (Paris, Rio e Salvador). Salvador: EDUFBA, 2011.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar (Brasil 1890-1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ROCHE, Daniel. **História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014

SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a Belle Époque (1870-1912)**. Belém: Paka-Tatu, 2010.

_____. O Colyseu: arena de touros e toureiros do além-mar – Belém do Pará (1894-1900). In: MATOS, Maria Izilda et al. **Deslocamentos e histórias: os portugueses**. Bauru: EDUSC, 2008.

SCHETINO, André; MELO, Victor Andrade de. A bicicleta, o ciclismo e as mulheres na transição dos séculos XIX e XX. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.17, n.1, p.111-34, 2009.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da vida privada no Brasil: Império**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, v. 2.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOARES, Carmen Lúcia. **As roupas nas práticas corporais e esportivas: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940)**. Tese de livre docência, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2010.

_____. **Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX**. Campinas: Autores Associados, 2005.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**. Manaus: Valer, 2009.

TRINDADE, Etelvina. Cidade moderna e espaços femininos. **Projeto História**, São Paulo, n. 13, jun. 1996.

VIEIRA, David Durval Jesus. Sensibilidade (in)civilizada: poder público, animais de tração e touradas em Belém (1897-1911). **Revista Espacialidades**, Rio Grande do Norte, v. 7, n. 1, 2014.

VIGARELLO, Georges; HOLT, Richard. In: CORBIN, Alain (org.). **História do corpo, volume 2: da revolução à grande guerra**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.